

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

SUZANE MACEDO SOUZA PEREIRA

TUDO O QUE NOIS TEM É NOIS: práticas de aquilombamento presentes no documentário "Emicida: AmarElo - É tudo Pra Ontem" sob uma perspectiva decolonial da psicologia

São Luís
2022

SUZANE MACEDO SOUZA PEREIRA

TUDO O QUE NOIS TEM É NOIS: práticas de aquilombamento presentes no documentário "Emicida: AmarElo - É tudo Pra Ontem" sob uma perspectiva decolonial da psicologia

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Prof. Me Maria Emília Miranda Álvares.

São Luís
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Pereira, Suzane Macedo Souza

Tudo o que nós tem é nós: práticas de aquilombamento presentes no documentário “Emicida: AmarElo – é tudo pra ontem” sob uma perspectiva decolonial da psicologia. / Suzane Macedo Souza Pereira. __ São Luís, 2022.

60 f.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Emília Miranda Álvares.
Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

1. Quilombo. 2. Decolonialidade. 3. Diáspora. 4. População negra. 5. Psicologia. I. Título.

CDU 159.9=96

SUZANE MACEDO SOUZA PEREIRA

TUDO O QUE NOIS TEM É NOIS: práticas de aquilombamento presentes no documentário "Emicida: AmarElo - É tudo Pra Ontem" sob uma perspectiva decolonial da psicologia

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Maria Emília Miranda Álvares (Orientadora)

Bacharela em Psicologia e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Saúde Materno Infantil (UFMA)
Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Esp. Angela Barbara Lima Saldanha Rêgo

Bacharela em Direito e Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Cultura e Sociedade PGCult (UFMA)

Esp. Andressa Barros Santos

Bacharela em Psicologia e Mestranda em Educação (UFMA)

Dedico à minha mãe e à minha avó.

AGRADECIMENTOS

Escrevi este parágrafo por último, quando vi que os agradecimentos já passavam de cinco laudas (são 8 laudas ao total, só para avisar logo kkk). Esse TCC foi escrito por muitas mãos – mesmo que elas não tenham digitado o trabalho, estavam ali me dando suporte para eu continuar escrevendo – e começou lá atrás. Muitas pessoas sonharam o meu sonho e eu tenho certeza, sem demagogia alguma, que sem elas eu não teria chegado aqui. Então escrevi sobre cada uma delas, com muita dedicação, para que fique evidente o papel fundamental que tiveram na minha formação profissional e pessoal (que não tem como não se cruzarem). Então este parágrafo é para avisar que tem muito texto pela frente!

Agradeço à minha avó, Isabel Macedo (*in memoriam*), por ter me mostrado como uma mulher preta comanda a própria vida. Quando eu nasci, vovó já tinha 70 anos, então em todas as minhas lembranças ela já era idosa. Idosa. Assim que você leu “idosa”, imaginou uma figura pacata, sentada na cadeira de balanço, não foi? Se sim, não chegou nem perto do que era dona Isabel, ou Beloca, como era chamada. Vovó faleceu aos 95 anos e, nesse tempo, pude acompanhá-la construindo a cerca de sua casa no interior, gadanhando o quintal, andando de moto, cuidando dos bichos... quando ela decidia que queria vir à São Luís, a gente tinha que atender a sua vontade; e da mesma forma, quando decidia que queria ir embora, não tinha quem a fizesse ficar. Até o último minuto, ela foi uma pilantrinha indomável, a nossa grande matriarca. Quando eu era criança, achava vovó a pessoa mais zangada e carrancuda do mundo. Hoje, tenho lembrança dela enquanto essa figura imponente, mas também cheia de afeto, que a última vez que me viu me deu tantos abraços que eu nem cabia em mim.

Continuando o legado da minha avó, não poderia deixar de agradecer a minha mãe que sempre me mostrou o que é força e afeto. Dona Bibi é uma mulher preta que sempre sonhou em ser mãe. Ao sonhar com a maternidade, ela não perdeu de vista hora nenhuma os desafios do mundo real. Porque é isso que mamãe é: um pouco de sonho, um pouco de pé no chão. E foi assim que ela começou: mesmo não gostando de ler, sabia que a leitura seria importante pra mim e minha irmã, então lia com a gente desde os nossos primeiros anos de vida, até que o gosto pela leitura se tornasse um hábito; sem nem saber quem era Paulo Freire, mamãe já tinha absoluta certeza que a educação precisava ser

contextualizada, então todos os dias, entre uma brincadeira ou outra, ela ia nos ensinando o alfabeto, os números, as cores, a vida...; entendia que quem não come, não estuda, então abriu mão dos excessos para que nunca faltassem legumes, verduras, frutas e grãos na nossa mesa (fui conhecer comida processada depois de adolescente, até então nunca tinha ido ao *mc donalds* kkk). Então se hoje eu estou aqui, se hoje tenho facilidade para ler a maioria dos textos, se tenho um senso de dever e comprometimento em tudo o que faço é graças à minha mãe, dona Bibizinha, Bibizuda... que, mesmo com poucos recursos financeiros, fez por mim o que ninguém nunca vai conseguir fazer.

Agradeço também ao meu pai, Jorge, por ter me ensinado que existem diferentes formas de amar. Papai é um senhor de 71 anos, feirante e até hoje vai para cima e para baixo com sua bicicleta cargueira. Ninguém pode dar palpite no negócio dele na feira e até hoje segue sua rotina de trabalho. Longe de mim romantizar o trabalho na velhice, mas seu Jorge se recusa a deixar de ir à sua feira todos os dias, ficar sentadinho no banco vendendo seu camarão enquanto conversa com seus colegas de todos os dias e com quem mais passar (porque se tem uma coisa que Jorginho é, essa coisa é fofoqueiro). Então, aparentemente, você olha esse homem e vê apenas uma força bruta. Mas não. Conviver com papai é saber que ele demonstra amor quando passa por mim enquanto escrevo essa monografia e diz “tu ainda ta aí? Minha filha, isso não é mais hora de estudar! Vai dormir!” (com a voz grossinha, como se eu fosse obedecer kkk); ou quando ele senta na cozinha e se põe a contar umas histórias de pescador tão cheia de detalhes que me faz acreditar que um peixe realmente conseguiu ficar vivo dentro da barriga do moço lá...; ou quando ele traz umas barras de chocolate que passam vendendo na feira porque sabe que eu gosto (mas esquece que eu tenho intolerância a lactose). Então papai é isso: ora uma rocha, ora uma areia. E eu sou grata por isso.

Agradeço a minha irmã, Luane, pois ela foi fundamental para a construção da visão de mundo que tenho hoje. Meu ponto de partida. Luane sempre foi inquieta, curiosa, destemida. Foi crescendo e essas qualidades (agora eu chamo de qualidade, né? Kkkk) foram se associando à sua busca pelo saber, aos seus posicionamentos contundentes, sua firmeza. Foi Luane que iniciou meus primeiros questionamentos sobre raça, sobre gênero, sobre classe. Sobre o que é ser uma mulher negra periférica neste país e o que posso fazer para explorar a minha potência e não sucumbir. Foi com Luane que fui às minhas primeiras manifestações

e ocupações; foi com ela que comecei a entender que uma psicologia despolitizada é incoerente. Se hoje, estou escrevendo uma monografia questionando a atuação individualizante de psicólogos e psicólogas e confrontando as epistemologias hegemônicas da academia, certamente começou com ela, com as nossas conversas 1 hora da manhã depois de comer o lanchinho da madrugada que era de lei. Por isso, e tantas outras coisas, sou grata.

A minha família foi o meu primeiro contato com um quilombo. Porque aqui os limites de uma família nuclear são rompidos o tempo todo. E teve época que, entre tios e primos, já tiveram mais de 10 pessoas aqui em casa. Lembro também que houve um tempo que dizíamos que aqui era “A Casa das 7 mulheres” porque sim, tinham 7 mulheres morando juntas, mais alguns homens. Família preta é assim. Uns saem do interior, se estabelecem minimamente na cidade e viram âncora para os que ainda virão. Então alguns dos meus primos que queriam estudar em São Luís vinham para a minha casa. Agora moramos somente eu e meus pais. Em compensação, vários primos e primas formaram família e continuaram no bairro, todo mundo morando perto. Talvez por isso tenha sido tão fluida a compreensão das teorias de quilombo, ancestralidade, comunidade que trago neste trabalho. Porque ao ler, via eu e os meus. Dentre os meus (familiares), agradeço especialmente a Cissa, minha prima amada, com quem divido minhas conquistas e meus sufocos. Sempre digo que a melhor coisa que aconteceu na nossa vida foi ela se mudar aqui para a nossa rua. Agora, a gente ri, chora, se desespera e se acalma em poucos segundos. Basta uma mensagem que já estamos juntas. Além dela, por si só, ser uma dádiva na minha vida, foi do seu ventre que nasceu o maior presente dessa casa: Maria Clara, minha sobrinha. Sou grata também à Maria por ter me ensinado tanto com esse seu jeitinho questionador, ansioso, com vontade de dominar o mundo aos 8 anos de idade. Com Maria, aprendi que a idade só vira depois de cantar parabéns (se não tiver aniversário, a pessoa fica com a mesma idade); aprendi que promessas têm que ser cumpridas, ou a gente deixa de ser confiável; que quando não se tem, as vezes dá para se criar. E Maria me deu os melhores desenhos que eu poderia ganhar.

O período de escrita do TCC, geralmente, é um momento de muita angústia para o aluno. Durante esse processo, eu já mudei de tema, metodologia, pergunta-problema... tive bloqueio para escrever, descumprir todos os prazos (inclusive, estou escrevendo esses agradecimentos faltando 2 dias para entregar o trabalho, e ainda

tenho que escrever as duas últimas partes da minha análise, e mais as considerações finais)... já achei que minha pesquisa não ia levar a lugar nenhum... e apesar de toda essa dor de cabeça, a professora Emília – minha orientadora - continuou me acolhendo e dando todas as contribuições que eu precisava. Eu sou grata a Emília por toda a sua paciência, pela assertividade em me dar espaço na hora certa e me cobrar na hora certa. Emília é uma professora extremamente ética, receptiva, e tudo isso aliado a uma competência técnica e teórica. As orientações de Emília me levaram a desenvolver uma pesquisa madura e comprometida com um fazer ético na psicologia.

Agradeço a Lidiane por sido muito mais do que uma professora naquele momento em que eu cheguei chorando, completamente desestruturada dizendo que ia desistir de tudo; por ter se solidarizado comigo e ter dito “tu vai te formar sim”. Foi ela que disse para eu revisitar o que já havia escrito ao longo da graduação, foi ela que me lembrou que eu tinha, sim, feito trabalhos bons e que muitos deles já seguiam uma mesma linha de pensamento que eu poderia aproveitar. E foi nessa conversa que decidi que iria escrever sobre aquilombamento e, seguindo a sugestão de Lidiane, analisar uma obra – o documentário do Emicida. Por isso e por toda a sua atuação ao longo da minha graduação, sou grata a Lidiane.

Eu sou grata por ter contado com outros professores, além da minha orientadora, nesse período de escrita do TCC. Agradeço ao professor Carlos que, vendo minha angústia por não conseguir escrever, se disponibilizou a sentar comigo e conversar (sem ter a pressão de ser o orientador) para que eu conseguisse organizar minhas ideias. Ele me ouviu, e também falou sobre seus próprios bloqueios na escrita científica. E isso, de alguma forma, me fez entender que eu não estava sozinha, que cientistas têm bloqueios por mais brilhantes que sejam, como é o caso de Carlos. Como se não bastasse todo o apoio, Carlos ainda me disponibilizou material de metodologia (escaneando página por página para me mandar kkk) para a elaboração do meu trabalho. Essas atitudes me fazem pensar que, apesar da institucionalização das relações dentro da academia, ainda é possível humanizá-las.

Agradeço a professora Juliana que sempre trazia em sua fala que a atuação profissional é sustentada pela teoria, técnica e os afetos. Juliana é aquela professora que pensa fora da caixinha e que te faz desejar pensar junto com ela. Juliana é brilhante, e sua competência técnica coexistia de forma tranquila com a forma

carinhosa e pessoal que tratava os alunos. Com Juliana, aprendi que psicóloga (o) é gente e trata de gente. Foi numa das disciplinas ministradas por ela, com seus temas de *paper* provocadores, que tive meu primeiro contato com a decolonialidade. Escrevi sobre espiritualidade ancestral de África e propus uma análise decolonial da psicologia. Foi aí que comecei a pesquisar mais profundamente sobre a potencialidade negra. Juliana acolheu minha pesquisa contra hegemônica e fez mais: me encorajou.

Como a nossa formação não se resume ao TCC, sou grata também aos professores que marcaram a minha trajetória ao longo do curso. Agradeço a professora Regienne por ter me ensinado que estudar e dominar as teorias é importante, mas não é suficiente se algumas habilidades não forem desenvolvidas. Com Regienne, também aprendi que o mundo é cheio de juízo de valor e eu não posso estar nele de maneira ingênua: então, hoje, me visto, me posiciono e falo dentro das instituições de forma alinhada aos parâmetros dela. É assim que vou tomando meu espaço. Utilizando a estrutura que me impõem. Então, na minha vida, Regienne me formou para além da aquisição de conteúdo. E por isso sou grata.

Na graduação, também recebi conforto e acolhimento no coração de alguns colegas. Agradeço a minha amiga Glória por ter sido um girassol nos meus dias nublados. Logo na escrita do projeto de TCC tive muita dificuldade em tirar as ideias da cabeça e colocar no papel. Eu não conseguia me concentrar em casa. Então Glória me cedeu a casa dela e passamos madrugadas a fio escrevendo juntas. Foi nas nossas conversas, regadas a muita jujuba, finis e balas de iogurte, que eu elaborei minhas ideias e consegui sistematizá-las. Por isso, e por todo o afeto que Glória me deu, sou grata a ela.

Aos 45 minutos do segundo tempo, o grupo mais improvável se formou na faculdade: eu, Jéssica, Ana Gabriela e Herla. Olha, meus amigos, o desespero é um elo fortíssimo! Foi nesse grupo que eu encontrei alento nesta reta final. Nós quatro estávamos em processo de escrita do TCC, e cada uma com suas dificuldades se ancorando na (e ancorando a) outra. Foram semanas passando o dia na UNDB, estudando, chorando, dizendo que não vai conseguir e conseguindo meia hora depois. Foi muito bom me depreciar com vocês, ter surtos de baixa autoestima, fugir de orientador e rir de tudo isso (depois da crise de choro). Meninas, sou grata por confiarem em mim mais do que eu mesma confio, por enxergarem algumas das minhas fraquezas e cuidarem delas. O grupo do Desafio Seca Sangue, das

psicofitness, foi crucial nesta caminhada. Espero que foquem na academia depois desse TCC (no caso de Herla, no *crossfit* kkk) porque eu estou há uma semana sem ir!

Essa reta final me aproximou de várias pessoas. Uma delas foi a maravilhosa Renata, a quem também sou grata. Renata cursa psicologia na UNDB e, nas horas vagas, faz uns desenhos incríveis! Sem nem me conhecer direito, Renata se disponibilizou a me ajudar na criação de um *layout* para a minha apresentação do TCC (achei super chique ter um *layout* kkk). Eu fiquei muito tocada porque, como disse, esse TCC está sendo construído por muitas mãos e eu não entendi por qual motivo tanta gente se mobilizava para sonhar o meu sonho. Então Renata me falou algo que eu nunca mais esqueci: “tu fala sobre esse TCC com uma paixão que apaixona a gente também. E quando a gente vê, já tá com vontade de participar de tudo isso contigo!” (espero que minha paráfrase não tenha mudado o sentido da frase original, mas na minha cabeça foi assim que ela falou). Pode ser que Renata esteja certa. Ou pode ser que ela (e todo mundo que esteve comigo) “só” tem o coração generoso mesmo. E eu sou grata. Obrigada, Renata!

Fora da academia também encontrei muito suporte para finalizar este ciclo. Agradeço a Karla Dutra, assistente social e supervisora do setor psicossocial da SAAHP/SEAP – onde estagiei -, por tudo o que ela me ensinou sobre liderança a partir das suas próprias ações. Sem dizer uma palavra, Karla me mostrou que o profissionalismo não quer dizer impessoalidade, pelo contrário, você pode e deve se importar com quem trabalha contigo. Karla trabalha com muita destreza, mas não perde a sensibilidade nunca. Uma vez ela me falou algo parecido com isso: “o dia que eu não me sensibilizar mais com as pessoas, com as histórias delas, eu não sirvo mais para esse trabalho”. Mas Karla não só me ensinou, ela também agiu por mim. Eu nunca vou esquecer o quanto Karla foi uma facilitadora na minha vida, desde a sua abertura para ajustar meus horários TODAS as vezes que precisei até se angustiar com minhas angústias de recém-formada e tomar para si a missão de dissipá-las. Karla é luz e calor por onde passa. E eu sou grata por ter sido iluminada e aquecida por Karla.

No setor psicossocial, agradeço também a Josi, assistente social, por todo o afeto dedicado a mim, junto ao respeito e confiança no meu trabalho. Agradeço pelos cafés, pelas conversas (que eu não sei como começavam com uma fofoca da vida alheia e terminavam numa crítica social fundamentada em 5 autores kkkk) e por

sempre estar disposta a me validar e me corrigir. Sou grata por todo o apoio, e semestre que vem quero te ver começando a graduação de psicologia para daqui a pouco sermos colegas de profissão também. Estou contigo assim como tu já esteve e está por mim.

Agradeço a todos os outros colegas que estiveram comigo no setor psicossocial – Ilana, Dennis, Helenir, Avany, Vitória, e todas as outras estagiárias e estagiários que passaram pelos nossos caminhos - pois a troca com vocês me fez crescer bastante. Aqui, agradeço, especialmente, Joaldo, técnico administrativo, por ter me ensinado tudo sobre a supervisão, por ter me treinado desde o dia que cheguei... pela paciência em revisar todos os documentos e voltá-los sempre que eu deixasse escapar algo (muitas vezes kkk). Joaldo me deixou perfeccionista e sistemática. Agradeço porque, além dos ensinamentos técnicos, Joaldo também me atravessou e foi atravessado pelos afetos. Quando cheguei, achei Joaldo assustadoramente sério (kkk) e, aos poucos, seu rosto foi tomando feições de riso e aconchego. Sou grata a Joaldo por deixar meus dias cheios – de trabalho e de alegria.

Fora desse universo acadêmico/profissional, eu não tenho outra palavra a não ser “gratidão” para falar dos meus amigos. Sou grata a Fernanda por muita coisa ao longo da minha vida, que nem sei por onde começo. Agradeço a Fernanda pela escuta dedicada e comprometida todas as vezes que precisei de consolo ou de um “eu acho que tu tá projetando” kkk; agradeço por sua lealdade e como muitas vezes ela vem manifestada em “quem eu devo matar?”; agradeço pelos nossos cafés, cervejas, almoços cheios de conversas leves e pesadas, cheias de metáforas, referências, crises existenciais... porque a gente é assim. Fernanda quase teve um piripaque quando eu disse que queria falar uma coisa com ela porque, de alguma forma, ela pensou que eu ia desistir do TCC (compreensível, Fernanda acompanhou muitos surtos kkk). Fernanda quase teve um piripaque porque o que é importante para mim, é importante para ela. E eu não tenho como não ser grata por isso. Agradeço a Fernanda por estar por mim, por ter ameaçado bater na minha cara caso eu desistisse, por ter chorado meus choros e rido (essa palavra existe?) meus risos.

Agradeço a Felipe, o hétero mais top de São Luís e adjacências. Agradeço a Felipe por sua torcida exacerbadamente explícita haha. Muitas pessoas vibraram com a finalização do curso, mas poucas pessoas vibraram como Felipe. Quase todos os dias Felipe me mandava mensagem perguntando o dia da minha defesa

porque ele tinha que estar lá. Sou grata a Felipe por seu apoio, por confiar em mim, por sempre me dizer que sou capaz. Sou grata pelas conversas filosóficas e pelas banalidades do cotidiano. Sou grata a Felipe por construir, junto comigo, uma amizade com amor e ação.

Também agradeço a Daniela, minha grande amiga que Curitiba me deu. São 8 anos de amizade (nossa! Agora que me dei conta disso kkk) e somente 2 anos passamos morando na mesma cidade. Eu sou grata a Daniela por me fazer sentir sua lealdade, amor e cuidado todos esses anos. Daniela está comigo desde quando eu cursava moda (sim kkk), desisti do curso, comecei psicologia... em todos os meus fechamentos ou rupturas de ciclos Daniela estava, desde que nos conhecemos. E por isso sou grata. Sou grata porque Daniela já me viu desistir de muita coisa, e agora está comigo nesse momento que é fruto da minha persistência (e persistir não é muito a minha praia, convenhamoskkk). Sou grata a Daniela por ser meu suporte há quase uma década.

Como eu disse no começo, mudei o tema da minha pesquisa várias vezes. O último, antes do tema atual, era sobre o reggae em São Luís – MA. As obras que falavam sobre o tema eram escassas, então contei com uma verdadeira força tarefa para me ajudar com esse levantamento. Agradeço ao grande amigo que o reggae me deu, meu querido Carlos Mafra. Carlos é regueiro há décadas e, além de se mobilizar para encontrar livros para mim, me agraciou com conversas maravilhosas cheias de memórias, afetos e sentidos sobre sua história com o reggae. Sou grata pelo seu coração enorme e pelo abraço quentinho! Agradeço também o Lauro, que me emprestou um dos poucos livros que tratavam sobre o meu tema, e eu não encontrava em lugar algum. Eu lembro que o livro estava autografado pelo autor e mesmo assim ele confiou (felizmente, sou daquelas que devolvem os livros hahaha). Por fim, agradeço ao querido Rodrigo Pestana, que é um raio de sol por onde passa. Rodrigo acompanhou parte do meu sufoco para encontrar as obras e conseguir imprimir por um preço ok. Além de Rodrigo ter virado a internet de cabeça para baixo para encontrar alguns títulos para mim, ainda se disponibilizou a imprimir o livro que eu precisava. Felizmente, eu não sou tão exploradora assim! Hahhaa. Mas sou grata a Rodrigo pelo coração generoso, por ser essa figura de calma diante dos momentos mais tenebrosos.

“Então serra os *punho*, sorria
E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazias”
(EMICIDA, 2014).

RESUMO

Esta pesquisa surge do incômodo de ver a população negra sendo retratada apenas como vítimas de racismo, enquanto suas potências são ignoradas. Partindo disso, levanta-se a seguinte questão: de quais formas o documentário Emicida: AmarElo - É Tudo Pra Ontem nos apresenta as práticas de quilombamento como fortalecimento psicoafetivo da população negra? Para respondê-la, serão utilizadas epistemologias decoloniais, contra coloniais e do feminismo negro. Assim, esta pesquisa tem sua relevância por se tratar de um conhecimento que confronta a psicologia branca e eurocêntrica das academias, bem como sua epistemologia hegemônica. É de natureza básica, tem objetivo exploratório e, em relação à coleta de dados, é bibliográfica e documental. Para a compreensão dos dados, foi utilizada a análise fílmica. Como objetivo geral, pretende-se analisar de que forma as vivências de quilombamento aparecem no documentário Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem como fortalecimento psicoafetivo da população negra sob uma perspectiva decolonial da psicologia. Os objetivos específicos são: apontar o processo de contra colonização na formação de quilombos a partir da diáspora africana; distinguir as epistemologias decoloniais e contra coloniais na academia e os impactos disso para a psicologia; especificar e analisar como as formas de quilombamento aparecem no documentário “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem” como fortalecimento psicoafetivo da população negra. Argumenta-se que essas práticas de quilombamento aparecem através do retorno ao passado, vínculo comunitário e articulação de luta. Conclui-se que o fortalecimento psicoafetivo da população negra exige um olhar comunitário, em vez de individualizante, como propõem as epistemologias hegemônicas.

Palavras-chave: Quilombo. Decolonialidade. Diáspora. População negra. Psicologia.

ABSTRACT

This research arises from the discomfort of seeing the black population being portrayed only as victims of racism, while their powers are ignored. Based on this, the following question arises: in what ways does the documentary “Emicida: AmarElo - É Tudo Pra Ontem” show us the practices of quilombamento as a psycho-affective strengthening of the black population? To answer it, decolonial, counter-colonial and black feminism epistemologies will be used. Thus, this research has its relevance because it is a knowledge that confronts the white and Eurocentric psychology of the academies, as well as its hegemonic epistemology. It is basic in nature, has an exploratory objective and, in relation to data collection, is bibliographic and documentary. To understand the data, film analysis was used. As a general objective, we intend to analyze how the experiences of quilombola appear in the documentary “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem” as a psycho-affective strengthening of the black population from a decolonial perspective of psychology. The specific objectives are: to point out the process of counter-colonization in the formation of quilombos from the African diaspora; distinguish the decolonial and counter-colonial epistemologies in the academy and the impacts of this for psychology; specify and analyze how the forms of quilombamento appear in the documentary “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem” as a psycho-affective strengthening of the black population. It is argued that these quilombamento practices appear through the return to the past, community bond and struggle articulation. It is concluded that the psycho-affective strengthening of the black population requires a community perspective, rather than an individualizing one, as proposed by hegemonic epistemologies.

Keywords: Quilombo. Decolonization. Scattering. Black population. Psychology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFP	Conselho Federal de Psicologia
MNU	Movimento Negro Unificado
UNDB	Unidade de Ensino Superior Dom Bosco
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 DESENVOLVIMENTO	24
2.1 Tudo era inferno, eu fiz inversão: contra colonização e formação de quilombos na diáspora africana	24
2.1.1 Diáspora africana: colonização e contra colonização.....	24
2.1.2 Conceitos de quilombo e os sentidos de aquilombar-se: do sistema escravagista à contemporaneidade.....	27
2.2 Permita que eu fale: por uma academia com epistemologias plurais	30
2.2.1 Epistemologias coloniais, decoloniais e contra coloniais.....	31
2.2.2 Caminhos para uma psicologia decolonial	34
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	39
3.1 Sobre “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem”: descrições breves	39
3.2 Análise do documentário	39
3.2.1 Parte 1: Fogueira traz histórias a reviver as memórias - o retorno ao passado e honra aos ancestrais	40
3.2.2 Parte 2: Cale o cansaço, refaça o laço – é sobre amar e se conectar	44
3.3.3 Parte 3: Com a garra, razão e frieza, mano – é sobre lutar e resistir	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

A partir do grande tema que envolve as teorias raciais no Brasil, buscou-se tratar neste trabalho sobre as práticas de aquilombamento que aparecem no documentário “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem” como fortalecimento psicoafetivo da população negra sob uma perspectiva decolonial da psicologia. Para isso, é necessário pontuar que existe, então, uma psicologia colonial que persevera na academia: uma ciência branca, ocidental, hegemônica que se pensa universal, sem considerar os atravessamentos de raça¹ na constituição subjetiva do sujeito. É a partir da problematização disso, que se propõe, aqui, um caminho decolonial, no sentido de pensar criticamente aquilo que já está dado na psicologia, desconstruindo o processo colonizador das academias e construindo caminhos junto às epistemologias contra colonizadoras.

Dentro do que é específico à materialidade da existência negra, as violências sofridas pela estrutura racista da sociedade brasileira se mostram enquanto uma faceta da constituição do sujeito, mas resumir a sua experiência às mazelas sociais é dar continuidade ao apagamento de sua história e violentá-la mais uma vez. Por isso também é importante pensar o sujeito negro a partir de seus recursos culturais e civilizatórios que utiliza para produzir vida. Partindo disso, este trabalho pretende responder a seguinte pergunta: de quais formas o documentário Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem nos apresenta as práticas de aquilombamento como fortalecimento psicoafetivo da população negra?

Argumenta-se que o documentário Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem apresenta as práticas de aquilombamento como fortalecimento psicoafetivo da população negra através do retorno ao passado e honra aos ancestrais, devolvendo ao povo preto a sua história que foi roubada durante a colonização; da promoção de vínculo comunitário sustentado pelo amor e cuidado coletivo, trazendo o sentido da existência no contato com o outro; e da organização política para sonhar, lutar e resistir contra a estrutura racista, abrindo caminhos aos pretos e pretas que ainda virão.

¹ Destaca-se que além da raça, outros fatores estruturais atravessam a subjetividade do indivíduo, como por exemplo, a classe e o gênero. Mas neste trabalho, optou-se por tratar, como plano principal, as implicações da raça na constituição subjetiva do sujeito.

Essa pesquisa surge do incômodo ao observar a pessoa negra sendo figurada somente a partir do sofrimento causado pela estrutura racista, pelas estatísticas de morte na periferia, pelo índice de pobreza. Como pessoa negra, a autora deste trabalho reconhece que as graves consequências da violência sofrida cotidianamente precisam ser mostradas e denunciadas, no entanto, também salta aos olhos a potência criadora que a comunidade tem de produzir vida, num movimento que é sempre atravessado pelo fortalecimento de vínculos psicoafetivos a partir do contato coletivo.

O campo da pesquisa é uma disputa de narrativas e, por isso, é importante realizar este trabalho, pois contribui com um ponto de vista que confronta à perspectiva colonizadora estabelecida dentro das academias. Da mesma forma, as discussões apresentadas visam contribuir para a atuação da psicologia, majoritariamente branca, demonstrando que o fortalecimento psicoafetivo da população preta pode partir dos próprios recursos desenvolvidos e fortalecidos coletivamente por ela. O negro, aqui, se coloca enquanto objeto e sujeito da pesquisa e fala de si mesmo ultrapassando a sistematização da morte imposta à sua existência e à corporificação dela.

Esta pesquisa é de natureza básica, pois visa contribuir com a ciência a partir da elaboração de novos conhecimentos, sem que utilize de aplicabilidade prática, como explicam Prodanov e Freitas (2013), e tem objetivo exploratório, proporcionando mais informações sobre o problema levantado ao investigar a questão por ângulos que ainda não foram explorados pela academia. Quanto ao procedimento para a coleta de dados, esta pesquisa é bibliográfica, utilizando como fonte de pesquisa livros, publicações em periódicos e artigos científicos, etc.; e documental, pois coletará dados que ainda não receberam tratamento analítico, como por exemplo, o documentário utilizado no trabalho (GIL, 2002). Para a compreensão dos dados, foi empregue a análise fílmica que consiste, de modo geral, em descrever e interpretar elementos do filme (AUMONT, 1999; VANOYE, 1994 *apud* PENAFRIA, 2009). Na etapa da descrição, se optou por focar nas falas do narrador, em detrimento dos outros elementos (cenário, som, iluminação, etc). Já para a interpretação, foi utilizada a análise de conteúdo que, segundo Manuela Penafria (2009), é composta por três etapas: identificação do tema do filme, resumo da história e a decomposição do filme em partes, compreendendo o que cada uma delas têm a dizer em relação ao tema.

É importante destacar que na análise de materiais audiovisuais, conforme evidencia Diana Rose (2017), nunca será possível apreender toda a realidade presente na produção. Isso, porque, um material televisivo comporta diversas camadas, como iluminação, cenário, falas (e suas pausas), música, etc., que constroem um sentido para a narrativa presente nele. Então, para a transcrição e análise, é necessário escolher qual dessas camadas serão investigadas, ou seja, só é possível trabalhar com um recorte dessa realidade.

O objetivo geral deste trabalho pretende analisar de que forma as práticas de aquilombamento aparecem no documentário *Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem* como fortalecimento psicoafetivo da população negra sob uma perspectiva decolonial da psicologia. Para isso, foram colocados os seguintes objetivos específicos: apontar o processo de contra colonização na formação de quilombos a partir da diáspora africana; distinguir as epistemologias decoloniais e contra coloniais na academia e os impactos disso para a psicologia; especificar e analisar como as práticas de aquilombamento aparecem no documentário *Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem* como fortalecimento psicoafetivo da população negra.

Para atender aos objetivos, esta pesquisa contará com três capítulos. O primeiro, abordará a história da população negra no Brasil, a partir da diáspora africana - processo violento colonizatório que culminou no deslocamento geográfico e cultural de africanos para as terras ocidentais, de acordo com Silvério (2018) –, pontuando o percurso da colonização no país; e o movimento de contra colonização que, segundo Antônio Bispo dos Santos (2015), diz respeito às estratégias desenvolvidas pelos povos escravizados para sobreviver, resistir e explorar as próprias potências, diante da violência infligida sobre seus corpos. Como exemplo de contra colonização, será apresentada a formação de quilombos e como eles vêm se atualizando na contemporaneidade.

O segundo capítulo tratará sobre as distinções entre as epistemologias coloniais, decoloniais e contra coloniais na academia, além de sugerir caminhos para uma psicologia decolonial. Nesse sentido, a colonização será posta também como dominação do saber, conforme apontam Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018), tendo como consequência o silenciamento das formas de conhecimento que não foram produzidas pelo homem branco europeu. Dessa forma, José Jorge de Carvalho (2018) aponta as seguintes diferenças: decolonialidade é o processo de descolonização das academias, no sentido de desconstruir as

epistemologias eurocêntricas como universais; e contra colonialidade é a própria construção epistemológica de grupos que estão fora da academia e, conseqüentemente, desprezada pelo saber hegemônico.

Para se pensar uma psicologia decolonial proposta no segundo capítulo, serão utilizados autores brasileiros como Lucas Veiga, que escreve sobre a descolonização da psicologia, e Abrahao de Oliveira Santos, que apresenta epistemologias de terreiro para a formação de psicólogas (os); autores africanos como Kabengele Munanga e Oyèrónkẹ Oyěwùmí; e Frantz Fanon, importante psiquiatra e psicanalista martinicano que elabora sobre os impactos do colonialismo no psiquismo do sujeito negro.

O terceiro e último capítulo apresentará as análises feitas sobre o documentário *Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem*, identificando as formas como as práticas de aquilombamento aparecem como fortalecimento psicoafetivo da população negra. Utilizando uma perspectiva decolonial da Psicologia, esse capítulo não utilizará as teorias hegemônicas, já estabelecidas na academia, a fim de retirá-las desse lugar de saber universal. No lugar delas, serão utilizadas as epistemologias quilombolas elaboradas principalmente por Antônio Santos Bispo (o Nego Bispo), além de teóricos africanos que pensam o sentido da comunidade e da negritude, como por exemplo, Kabengele Munanga, Sobonfu Somé, Oyèrónké Oyewùmí, etc. Outra epistemologia utilizada para fundamentar as análises será o feminismo negro que, por mais que tenha sido elaborada na perspectiva ocidental, é importante lembrar que quando uma mulher negra acadêmica decide acreditar em outras mulheres negras a partir das suas vivências, ela também é vista como suspeita pelo poder hegemônico, já que utiliza das estruturas positivistas para legitimar sua pesquisa, confrontando-a quando necessário (COLLINS, 1998 *apud* COLLINS, 2000/2018). Devido a isso, nomes como bell hooks² e Lélia Gonzales também serão amplamente citados.

Para fins didáticos, esse último capítulo foi dividido em três partes: retorno ao passado e honra aos ancestrais; amar e se conectar; lutar e resistir. A primeira parte apontará como que olhar para o passado e reconhecer os nomes e os feitos de quem veio antes é uma forma de recuperar a própria história e, conseqüentemente,

² bell hooks será escrito sempre em letras minúsculas no corpo do texto, pois era assim que a autora queria ser citada para que o seu conteúdo tivesse destaque na pesquisa, não a sua pessoa, confrontando, assim, a lógica hegemônica da academia. O nome bell hooks foi criado por ela em homenagem à sua avó.

conhecer um pouco mais de si mesmo. A segunda parte, sobre amar e se conectar, fala sobre a importância de estar em comunidade de modo a fortalecer as suas próprias potências e as potências do outro. E a última parte, lutar e resistir, foi inserida para que não se perca de vista que, apesar de produzir vida em comunidade, a população preta ainda está inserida numa estrutura racista que tem o plano de mortificar o seu corpo o tempo todo. Portanto, a luta e a resistência foi colocada também como forma de aquilombamento e fortalecimento psicoafetivo, uma vez que abre caminho para os povos do presente e para aqueles que ainda virão.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Tudo era inferno, eu fiz inversão: contra colonização e formação de quilombos na diáspora africana

Com o título sendo iniciado com um trecho da música “Eminência Parda”, do Emicida, essa sessão apresentará como se deu o processo de colonização no Brasil, assim como os movimentos de contra colonização dos povos escravizados. Em seguida, os quilombos serão pontuados como forma de contra colonizar que perdura até os dias de hoje.

2.1.1 Diáspora africana: colonização e contra colonização

Valter Roberto Silvério – cientista social e um dos importantes pensadores brasileiros sobre a diáspora africana - pontua que há um consenso sobre a diáspora para “pensar os deslocamentos tanto geográficos quanto culturais dos africanos e seus descendentes” (SILVÉRIO, 2018, p. 274). No entanto, utilizar a palavra “deslocamento” chega a ser eufêmico quando se trata da afrodiáspora, já que essa migração foi realizada **à força** para as colônias europeias, como o próprio Silvério (2018) pontua mais tarde. Ou seja, quando se fala de diáspora africana não se refere apenas ao espalhamento de africanos pelo Atlântico, mas a um tráfico de pessoas para a escravização de seus corpos e apagamento de sua história.

Para ilustrar esse debate, Abrahão de Oliveira Santos, em seu artigo “O enegrecimento da Psicologia: indicações para a formação profissional” (2019), apresenta a lenda do Baobá, a árvore do esquecimento: é contado que antes dos negros africanos atravessarem o Atlântico, eram obrigados a dar várias voltas na árvore do Baobá para esquecerem sua cultura, seu país, seu jeito de ser, sua religião, sua família, sua língua, sua comunidade e até sua humanidade. E iniciava, assim, a colonização dos povos africanos, com o desejo de transformá-los num não ser, num escravo.

Corroborando com essa ideia, José Jorge de Carvalho³ (2018, p.95) acrescenta que “nem os negros, nem os indígenas jamais procuraram, nem

³ José Jorge de Carvalho é um antropólogo brasileiro, branco, professor da Universidade Brasília, comprometido com a descolonização do saber acadêmico. É um pensador da decolonialidade.

desejaram rejeitar suas cosmovisões para se tornarem eurocêtricos”, pelo contrário, esse processo se deu através da violência da colonização empregada pelo grupo branco europeu. E sobre isso, o poeta e pensador martinicano Aimé Césaire (1978) analisa que, assumindo o lugar de colonizador, esse homem branco europeu não só desumaniza o grupo colonizado, como também desumaniza a si mesmo ao fundamentar suas ações no desprezo a outras civilizações, à alteridade, pois ao passo que “se habitua a ver no outro o animal, se exercita a tratá-lo como animal, tende objetivamente a transformar-se, ele próprio, em animal” (CÉSAIRE, 1978, p. 24).

Dando continuidade à discussão, Césaire (1978) define que colonização é equivalente à coisificação pois, uma vez que o contato entre colonizador e colonizado é estabelecido, não existe mais contato humano, apenas uma relação de dominação que subalterniza e instrumentaliza povos para a produção burguesa. Assim, “só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas”. (CÉSAIRE, 1978, p. 25).

Por outro lado, ainda há quem defenda a colonização enquanto um processo civilizatório que visa levar a luz do conhecimento a territórios “escurecidos pela ignorância” e sistematizar leis para “sociedades desorganizadas”, como relembra Césaire (1978). O autor discorda desse ponto de vista, reiterando que colonização diz respeito ao esvaziamento de sociedades, extermínio de religiões e imposição de medo, complexo de inferioridade, tremor, submissão, desespero e servilismo a milhões de pessoas. (CÉSAIRE, 1978).

Nessa mesma perspectiva, o lavrador piauiense e importante nome do Movimento Social Quilombola, Antônio Bispo (2015) – ou Nego Bispo, como é conhecido - descreve que no Brasil o processo de escravização dos povos afropindorâmicos⁴ não se resumiu ao trabalho forçado e violências físicas, mas foi estruturado para dissolver as bases socioculturais desses povos, com o intuito de apagar as suas identidades coletivas e individuais. Para isso, atacaram

⁴Nego Bispo utiliza o termo “afropindorâmicos” para se referir à população africana (afro) e à população indígena (pindorâmico). O autor se refere aos povos nativos como pindorâmicos, pois, alguns povos, como os da língua tupi, por exemplo, chamavam a terra que habitavam de “Pindorama” (Terra das Palmeiras). Dessa forma, ao escolher chamar os povos nativos de pindorâmicos, em vez de “índios”, Bispo está se recusando a utilizar o nome dado pelos colonizadores a esses povos, num exercício de descolonização da língua e do pensamento (BISPO, 2015).

primeiramente a sua religião, como destaca o autor, pois a maneira como se relaciona com o divino reflete a visão de mundo de uma comunidade, determinando formas de enxergar o mundo, o outro e a si mesmo. Seguindo esse projeto de esvaziamento, o autor continua:

No plano individual, as pessoas afro-pindorâmicas foram e continuam sendo taxadas como inferiores, religiosamente tidas como sem almas, intelectualmente tidas como menos capazes, esteticamente tida como feias, sexualmente tidas como objeto de prazer, socialmente tidas como sem costumes e culturalmente tidas como selvagens (BISPO, 2015, p. 37-38).

Partindo disso, o autor enfatiza o quanto as identidades coletivas e individuais estão imbricadas uma na outra e se relacionam de maneira dialética. Ou seja, ao passo que se ataca as bases sócio culturais desses povos, a visão que os sujeitos têm de si mesmo vão se modificando. E, da mesma forma, ao atacar essas subjetividades individualmente, como na citação acima, a história dessas comunidades vai sendo apagada e as identidades coletivas usurpadas (BISPO, 2015).

No entanto, apesar dessa opressão sistematizada imposta à existência negra, e ao contrário do que promove a educação hegemônica nas escolas, os africanos escravizados não foram mais dóceis do que os povos pindorâmicos. Pelo contrário, assim como os povos originários, os africanos também resistiram fortemente à escravização de seus corpos, travando diversas lutas contra os colonizadores, conforme retoma Bispo (2015). Esse processo de resistência e luta por liberdade o autor nomeou de contra colonização.

Nesse sentido, Abdias do Nascimento⁵, nome expoente nos movimentos negros, apresenta uma retomada histórica de algumas revoltas organizadas a partir do início do século XIX, sobretudo na Bahia: nos anos de 1807 a 1809 os africanos escravizados organizaram uma sociedade secreta chamada *OGBONI* para enfrentamento da escravidão; em 1813 tiveram duas revoltas principais – uma em fevereiro, outra em maio que foi abortada devido à traição de um delator; em 1826, organizaram-se nas matas de Urubu, na Bahia, e realizaram diversas ações contra os colonizadores; em 1830, outro levante foi executado na capital baiana; em 1835, uma rebelião formada por yorubás e africanos islamizados, com um forte esquema militar, se destacou como a mais importante insurreição da época. Apesar das

⁵ Abdias do Nascimento foi ator, poeta, escritor, dramaturgo, professor universitário, ativista pelos direitos da população negra no Brasil.

inúmeras revoltas, todas elas foram recebidas com grande repressão e poder de fogo dos colonizadores, o que não intimidou que novas organizações fossem estruturadas posteriormente (NASCIMENTO, A., 1980)

Além de contra colonizar através dos confrontes de guerrilha, os povos afrodiaspóricos se rebelaram de muitas outras maneiras:

[...] adentrando-se pelas matas virgens, reconstituindo os seus modos de vida em grupos comunitários contra colonizadores, formando comunidades em parceria com os povos nativos, em determinados casos organizados como nômades, outras vezes ocupando um território fixo. (BISPO, 2015, p. 48)

Dentre tantos nomes que essas comunidades contra colonizadoras receberam dos colonos, foram chamadas também de Quilombo, como pontua Nêgo Bispo (2015). O autor destaca que os Quilombos foram criminalizados e perseguidos violentamente durante todo o Brasil Colônia e mesmo após a abolição da escravidão no país em 1888, sendo alvejado também tudo o que se refere ao modo de vida africano, suas expressões culturais e territórios. Esse contexto convoca os povos afrodiaspóricos a dar continuidade e atualizar as formas de resistir e de auto organizar suas comunidades contra colonizadoras durante toda a história até a contemporaneidade, como descreve Nego Bispo (2015, p. 49).

2.1.2 Conceitos de quilombo e os sentidos de aquilombar-se: do sistema escravagista à contemporaneidade

Considerando a estrutura violenta de apropriação e escravização de corpos africanos na afrodiáspora, Abdias do Nascimento (1980) aponta que os quilombos surgem da necessidade do negro escravizado não só garantir a sua sobrevivência, como também elaborar formas de **existir** que explore a potência do seu ser reivindicando a liberdade e dignidade de seu povo. Nesse sentido, o autor descreve que:

O quilombismo se estrutura em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico- social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, frequentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. (NASCIMENTO, A. 1980, p. 255)

Assim, observa-se que os quilombos se excedem à ideia de agrupamentos escondidos, cujo objetivo principal era organizar rebeliões e acolher pessoas escravizadas que fugiam dos colonos. O autor aponta que essa era uma das possibilidades do quilombismo, mas também se estendia a “irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras”, que eram formas legais de quilombo que aconteciam dentro da cidade, sendo **tolerados** pela sociedade dominante. (NASCIMENTO, A., 1980, p. 255). Dito isso, Abdias nomeia como quilombismo - tanto em seu caráter legal, quanto ilegal –, um conjunto complexo de significados que contemplam uma afirmação humana, étnica, cultural através de práticas de libertação e protagonismo afrobrasileiro.

Indo contra a epistemologia eurocêntrica, Abdias do Nascimento (1980) destaca, ainda, que a luta contra o sistema escravagista não tomou corpo através do movimento abolicionista, mas pela organização dos quilombos que mobilizaram “disciplinadamente as massas negras por causa do profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência” (NASCIMENTO, A., 1980, p. 256). Dessa forma, mesmo com o esforço colonizador de apagar a suas identidades, os sentidos comunitários africanos que acompanhavam aqueles povos os levaram para a organização coletiva, compreendendo que suas potências eram melhor exploradas em conjunto. Assim, reafirma-se aqui o protagonismo negro na história, colocando esse sujeito enquanto figura ativa na luta pela liberdade de sua existência contra colonizadora.

Por outro lado, a luta da comunidade afrobrasileira não acabou com o fim do sistema escravagista. Apesar do período pós-abolicionista ter revogado as leis que criminalizavam a formação territorial dos quilombos, os sistemas de opressão e criminalização das práticas quilombolas se atualizaram e passaram a atuar de forma ainda mais eficaz. Agora, diante dessa nova forma de gestão, o alvo passa a ser “seus modos de vida, suas expressões culturais e seus territórios, isto é, as suas formas de resistência e de auto-organização comunitária contra colonial”, como destaca Antônio Bispo (2015, p. 49).

Como exemplo da atualização da violência e perseguição dos quilombos (agora em seu caráter cultural, ideológico), cita-se a lei dos Vadios e Capoeiras inserida no Código Penal da República através do decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890, conforme relembra Antônio Bispo (2015). Veja bem, embora não esteja explícita a criminalização dos quilombos, a redação dessa lei proíbe a prática da

capoeira e a utilização de seus instrumentos que, segundo a sociedade burguesa, eram uma arma não mão de um negro. Ou seja, descriminalizaram os quilombos, mas criminalizaram as práticas de aquilombamento.

Construindo uma linha do tempo, é importante lembrar que, após o período colonial no Brasil, iniciou-se, então, a República - inserindo um sistema presidencialista, cujo seu representante passou a ser escolhido por meio do voto direto. Mas aqui se pergunta: quem vota e quem pode ser votado? A sociedade burguesa e branca. Sobre isso, Bispo (2015) relembra que a constituição republicana promulgada em 24 de fevereiro de 1891⁶ proibiu todos os analfabetos de votarem e serem votados - e não precisa de grande genialidade para vislumbrar quais eram as pessoas que não dominavam a língua portuguesa na época: negros e indígenas. Somada a essa privação de direito, Bispo (2015) ainda destaca que essa constituição trazia a proibição das línguas desses povos, dos cultos, das festas, ou seja, de todos os símbolos presentes em sua identidade.

Depois dessa análise, Nego Bispo (2015) nos alerta que por mais que o país tenha mudado de Colônia para República, passado pela Ditadura Militar e, por fim, a Redemocratização, esses conflitos culminaram mudanças apenas nos âmbitos da gestão e não na estrutura ideológica, que permanecia provocando o etnocídio de negros e indígenas.

Assim, se fez necessário que os quilombos também se atualizassem. No início do século XX, já no período pós-abolicionista, o quilombo vai deixando cada vez mais de ser uma “instituição”, no sentido de formação territorial, e passa a assumir um caráter mais ideológico, reagindo ao **colonialismo cultural**, reafirmando a herança africana e construindo modelos brasileiros que fortaleçam sua identidade étnica, conforme analisa Beatriz Nascimento (1985/2006) – importante historiadora brasileira que ampliou os sentidos de quilombo para além dos territórios geográficos. Diante disso, a autora conclui que:

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra” (NASCIMENTO, B., 1985/2006, p. 124).

⁶ Somente em 1985 - mais de 100 anos depois -, com a redemocratização do Brasil, que os analfabetos conquistaram o direito ao voto.

Dessa forma, a formação de quilombos foi e ainda é uma importante prática afrodiaspórica, pois, independente das formas que assume, o seu objetivo continua sendo garantir a cultura afrobrasileira, fundamentada na condição humana de um ser histórico.

Partindo dessa perspectiva, Abdias do Nascimento (1980, p.263) declara, portanto, que os quilombos não significam “escravo fugido”, como preconiza a epistemologia eurocêntrica, mas, para além disso, tem o sentido de “comunhão existencial” que se atualiza de acordo com o contexto histórico e geográfico dos povos negros. Assim, as práticas de se aquilombar - o aquilombamento – se voltam para a contemporaneidade como uma herança ancestral que está presente na vida comunitária da negritude, em espaços coletivos que promovem ações de manutenção da cultura afrobrasileira e reafirmação social.

Nesse sentido, Beatriz Nascimento (1979 *apud* NASCIMENTO, A., 1980) fala do processo de aquilombamento como forma de praticar a liberdade e fortalecer os vínculos ancestrais. E corroborando com os pensamentos da autora, Abrahão de Oliveira Santos (2019) dá destaque à importância do retorno à ancestralidade para a construção da subjetividade negra, pois descreve que esse movimento tem o intuito de recuperar a memória que foi perdida na diáspora africana e reiterar o pertencimento cósmico e comunitário, dando passos para erguer-se do processo de colonização.

Desse modo, é possível afirmar que, na contemporaneidade, o aquilombamento tem se dado nas práticas dos terreiros de matriz africana; nas rodas de samba; nos clubes de reggae; nas rodas de capoeira; nas batalhas de *rap* e nos bailes de *funk*; nos encontros da família preta no domingo, com a figura de liderança matriarcal; na existência cotidiana da periferia. Pois, repetindo as palavras de Beatriz Nascimento (1985/2006), quilombo passou a ser tudo o que define o comportamento negro.

2.2 Permita que eu fale: por uma academia com epistemologias plurais

Com o título sendo iniciado pelo trecho da música “AmarElo”, do Emicida, que é uma reivindicação pelo direito de falar de si mesmo, a sessão a seguir discutirá sobre epistemologias coloniais, decoloniais e contra coloniais e como elas aparecem

nas academias. Será apresentado também caminhos para uma psicologia decolonial.

2.2.1 Epistemologias coloniais, decoloniais e contra coloniais

Para essa discussão, é importante lembrar que quem inaugura a ideia de um conhecimento universal na modernidade é Descartes com a formulação de sua obra “Discurso do Método”. Com a célebre frase “penso, logo existo”, Descartes legitima o pensamento objetivo como o único possível, fomenta a desconfiança na existência da alteridade e desvaloriza os sentidos e o corpo como fontes de conhecimento. Define, assim, quem pode pensar, quem pode existir: o homem branco europeu (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2018)⁷.

O filósofo caribenho Nelson Maldonado-Torres (2018) aponta que a modernidade é sustentada pela colonialidade do poder, do ser e do saber. Isso quer dizer que o processo de colonização não explorou somente a produção material e organização política dos povos tradicionais, mas golpeou a qualidade da sua experiência de vida e subjugou os seus conhecimentos, deslegitimando seus saberes em benefício de um saber ocidental universal.

Nessa mesma perspectiva, Oyèrónké Oyewùmi (2002/2018), mulher nigeriana e importante pesquisadora de gênero dentro de uma cosmogonia africana, aponta que quando a modernidade estabelece a hegemonia cultural euro/estadunidense na produção de conhecimento sobre comportamento, história, sociedade e cultura humana, conseqüentemente, tudo o que é produzido sobre a humanidade é baseado no ponto de vista euro/estadunidense, contaminado por todos os seus “interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições e categorias sociais” (OYEWÙMI, 2002/2018, p. 166). O problema é que, já que a legitimação de conhecimento fica por conta deles, em vez dessas epistemologias estarem num lugar de “especificidade/recorte da realidade”, a modernidade as coloca numa posição de neutralidade, pureza e universalidade.

Considerando que essa lógica define o povo e o território que pode produzir conhecimento, Bernardino Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018), na introdução do livro “Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico”, apontam que o

⁷ Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel são importantes nomes da decolonialidade.

princípio organizador do monopólio epistemológico ocidental é o racismo, sustentado na noção de geopolítica (“onde” se produz conhecimento – ocidente) e corpo-política (“quem” produz conhecimento – homem branco). É nesse sentido que Carvalho (2018) afirma, então, que a academia no Brasil é colonizada e branca, pois, enquanto uma instituição que promove o processo de ensino-aprendizagem, segue historicamente reproduzindo e legitimando apenas as epistemologias eurocêntricas, desconfiando de toda produção de saber que não esteja nos moldes positivistas.

Essa predileção pelo saber ocidental nas academias não pode ser analisada de maneira ingênua, descolada do projeto de colonização. É importante trazer ao debate que a reprodução desses discursos não se limita apenas ao uso da língua, mas, fazer todos os povos negarem a sua cosmogonia e adotar as epistemologias ocidentais como únicas e verdadeiras, significa fazê-los assumir uma cultura e se submeterem à sua civilização, ou seja, colonizá-los, (FANON, 1952/2008).

Para exemplificar essa discussão, Nego Bispo (2015) relembra o que se aprende nas escolas: os portugueses chegaram ao Brasil por terem se perdido no caminho para as Índias e, devido a isso, nomearam os povos originários de índios. Esse pensamento é difundido e tomado como único ponto de vista possível sobre esse contato entre portugueses e povos originários, no entanto, esse é o ponto de vista eurocêntrico. Mas Bispo (2015) volta o nosso olhar para um ponto que é ignorado pelo saber hegemônico: por mais que os portugueses acreditassem que estivessem nas Índias, assim que chegaram aqui já trataram de renomear esta terra, chamando de Monte Pascoal, depois de Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e, por fim, Brasil, mesmo sabendo que os povos originários já haviam nomeado esta terra como Pindorama.

Num outro exemplo, Bispo (2015) fala que quando os portugueses chegaram aqui, já encontraram povos originários com suas próprias denominações de acordo com suas diferentes etnias, língua, cultura, etc., ou seja, sua própria produção de conhecimento. Ainda assim, os colonizadores mantiveram um nome generalista para esses povos (índios), não por acidente, mas para retirar suas identidades, coisificá-los, desumanizá-los, como analisa Antônio Bispo (2015). O autor pontua que mudar o nome desses povos se assemelha a ação de um adestrador que, para adestrar um animal a sua primeira atitude é mudar o nome do animal - e essa mesma estratégia foi utilizada com os povos africanos que, apesar de terem denominações distintas, foram nomeados genericamente de “negros” (BISPO, 2015). Então quando as

instituições de ensino reproduzem esse discurso, corroboram com o apagamento da história de todos esses povos e dão continuidade ao processo de colonização.

A epistemologia decolonial emerge, então, como forma de confrontar a ideia de universalidade dos saberes eurocêntricos e abrir caminhos para os saberes produzidos nos limites do mundo ocidental. Para Castro-Gómez (2007, apud CARVALHO, 2018), esse processo de descolonização só é possível se as instituições produtoras ou administradoras do conhecimento forem descolonizadas. É a partir desse raciocínio que Carvalho (2018) elabora as diferenças e cruzamentos entre decolonialidade e contra colonialidade: a primeira diz respeito ao movimento do grupo social cuja determinação é reproduzir a epistemologia eurocêntrica, colonizadora, como por exemplo, os acadêmicos. Quem está na academia, nessa perspectiva, fará esse caminho inverso à colonização, ou seja, a descolonização da instituição, no sentido de **confrontar a “universalidade” das epistemologias** estudadas. Já a contra colonização, diz respeito aos grupos que estão fora dessa determinação e suas produções epistemológicas, como quilombolas, indígenas, etc.

Dito isso, Carvalho (2018) sugere, então uma união entre as epistemologias contra colonizadoras e decolonizadoras, compreendendo que a principal diferença entre elas é o lugar de onde são elaboradas. Como bem pontua Carvalho, Nego Bispo é o grande precursor das teorias de contra colonização e ele fala do lugar de um grupo não ocidental, que foi colonizado e resiste a essa colonização. Já a decolonização, segundo o autor, parte do grupo racial dominante que, compreendendo que é um instrumento para a manutenção da colonização, decide racializar a produção de conhecimento eurocêntrica, descentralizando esse saber como universal, e restituir o espaço para outros tipos de saberes: tradicionais, oralidade, africanos, asiáticos, indígenas, etc. Sobre isso, o professor José Jorge de Carvalho (2018) fala:

Como docente branco, pertenço ao grupo que recebeu o mandato institucional de reproduzir a violência epistêmica fundadora. No momento em que me desvinculo desse pacto colonial, destravo a grade fechada que impedia a entrada dos saberes não ocidentais. Com a grade aberta, que é o Encontro de Saberes⁸, os contracolonizadores podem finalmente atuar, na medida em que eles detêm o elemento contracolonizador capaz de refundar

⁸ Encontro de Saberes foi um projeto-piloto implementado pela Universidade de Brasília – UNB - em 2010 que contou com diversos mestres do saber tradicional para difundir seus conhecimentos dentro da academia, numa união entre contra colonizadores e decoloniais. Esse projeto se consolidou e espalhou para diversas outras universidades (CARVALHO, 2018).

a universidade brasileira: os saberes indígenas, quilombolas, afro-brasileiros, populares tradicionais, etc. (CARVALHO, 2018).

Dessa forma, é possível vislumbrar possibilidades para o processo de descolonização da academia a partir da união da decolonialidade e contra colonialidade. Pois ao passo que a primeira desconstrói as ideias eurocêntricas já estabelecidas, se faz necessário construir outras concepções formuladas pelos contra colonizadores a fim de erguer um espaço pluriepistêmico.

2.2.2 Caminhos para uma psicologia decolonial

Com base no que já foi discutido ao longo do trabalho, percebe-se a urgência de inserir a Psicologia, enquanto ciência e profissão, num percurso decolonial, pois por muito tempo se valeu das estruturas racistas, legitimando cientificamente as teorias eurocêntricas como universais, violentando toda alteridade que existe fora do ideal de homem ocidental (CFP, 2017). Partindo disso, antes de sugerir possíveis epistemologias, Lucas Veiga (2019) afirma que o primeiro passo para descolonizar a psicologia é situar as marcas, o lugar que essa (e) psicóloga (o) fala, pois a sua escuta não é neutra, pelo contrário, é atravessada pelo locus social. O autor continua:

Você é branco. Nomear o branco de branco, marcar que o lugar de onde ele fala é o de uma pessoa branca, que os autores que ele lê são brancos, que o pensamento dele é branco. Fazer isso sem subjugar a ele e aos seus um regime de escravidão, fazer isso sem que seus jovens brancos sejam assassinados a cada 23 minutos no Brasil. Apenas marcar: você é branco (VEIGA, 2019, p. 244-245).

Para ilustrar o que Lucas Veiga falou, vamos pensar nos principais teóricos que são estudados na graduação de psicologia: Sigmund Freud, homem, branco, austríaco; B. F. Skinner, homem, branco, estadunidense; Jean Piaget, homem, branco, suíço; Lev Vygotsky, homem, branco, russo; Carl Jung, homem, branco, suíço; Carl Rogers, homem, branco, estadunidense; Erik Erikson, homem, branco, alemão; Martin Heidegger, homem, branco, alemão, etc. Seria possível continuar citando mais nomes, fazer uma pesquisa e perceber que, independente da linha teórica, todos são homens, brancos europeus (ou estadunidenses).

Apesar desses autores falarem de um lugar, eles se pensam universais, com teorias que dariam conta de todas as comunidades e sociedades. E é por isso que eles precisam ser marcados pela raça, como sugere Lucas Veiga, mas também pelo

território geográfico, já que a organização de uma sociedade ocidental não é replicada em todas as sociedades. Por isso, as teorias desenvolvidas no ocidente correspondem apenas a um recorte da realidade, e não ao mundo todo, como se pressupõem.

Fanon (1952/2008), no século passado, já questionava se a psicanálise realmente tinha condições de explicar o homem negro, já que os estudos sobre neurose se deram em meios e setores específicos da civilização. Essa especificidade a que o autor se refere está relacionada à estrutura familiar “como objeto e circunstância psíquicas” (FANON, 1952/2008, p. 128). O autor, então, continua: a família europeia reproduz a estrutura política da Europa, centralizada no patriarcado, com uma figura de poder masculina. Assim, a criança europeia, quando sai de seu núcleo familiar, se depara com uma mesma constituição nacional. Ou seja, “uma criança normal, crescida em uma família normal, será um homem normal. Não há desproporção entre a vida familiar e a vida nacional” (FANON, 1952/2008, p. 127).

Ora, se a teoria psicanalista se baseia na estrutura da família nuclear, ela jamais poderá se pensar universal, uma vez que família nuclear é uma invenção ocidental, segundo Oyèrónké Oyěwùmí (2002/2018). Para demonstrar a existência da alteridade, a pesquisadora nigeriana nos apresenta a dinâmica familiar da sociedade Yorubá do sudoeste da Nigéria. Oyèrónké (2002/2018) aponta que, diferente das famílias ocidentais que são estruturadas a partir do gênero, o princípio organizador dessas famílias tradicionais Yorubá é a senioridade, ou seja, um sistema baseado pela idade cronológica. Ela cita que os papéis dentro de um casamento são contextuais, uma vez que não há distinção entre marido e mulher, mas entre “*Oko*” e “*Iyawo*”, em que o primeiro diz respeito àqueles (as) que já fazem parte da família desde o nascimento, e o segundo se refere àqueles (as) que entraram para a família a partir do casamento. Independente do gênero, *Oko* é superior a *Iyawo*.

Mas voltando ao contexto de Fanon, que cresceu na colônia francesa de Martinica, a família nuclear fazia parte de sua realidade. No entanto, diferente da criança branca que encontra na estrutura nacional os mesmos parâmetros existentes em sua família, com uma criança negra acontece o inverso: “uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco” (FANON, 1952/2008, p. 129). Ou seja, as

neuroses, para o sujeito negro, não seriam criadas, em regra, no seu seio familiar, mas em contato com um mundo racista que se projeta para mortificar o corpo negro.

Até aqui, já é possível vislumbrar que as teorias ocidentais não dão conta de explicar todas as experiências e subjetividades no mundo. Nessa perspectiva, Abrahao de Oliveira Santos, psicólogo negro dedicado ao campo da insurgência contra colonial, sugere o enegrecimento da psicologia. Para o autor, esse processo de enegrecer a psicologia se dá no sentido de valorizar as epistemologias que subvertem a lógica eurocêntrica, que são produzidas no seio das sociedades brasileiras, dentro das comunidades tradicionais, na oralidade, na escrita, nas práticas, ou seja, consiste em “pensar nas especificidades que envolvem o sofrimento psíquico dessa população, mas não apenas em suas carências e necessidades, senão também nos **recursos culturais e civilizatórios que ela porta**”. (SANTOS, 2019, p. 165, grifo nosso).

Para realizar esse percurso, Abrahao (2019) destacou nesse estudo como as epistemologias de terreiro elaboram a arte de cuidar e de pensar as subjetividades, e de que forma as (os) psicólogas (os) podem dialogar com esses conhecimentos em sua formação e prática profissional. O primeiro ponto que se traz aqui é que Abrahao (2019) cita Bastide (1985) para dizer que, diferente do que Marx preconizava, o Candomblé não é uma religião que se manifesta como ópio do povo, mas como uma resistência, uma filosofia do ser “preservada pelas empregadas domésticas, lavadeiras, operárias e pequenos comerciantes, mulheres e homens da periferia social” (SANTOS, 2019, p. 162).

A mãe Muagi (terreiro Tumba Junsara - Salvador), citada pelo professor Abrahao (2019, p. 161) diz o seguinte: “uma pessoa entra pela porta do barracão e não tem nada, quando sai ela tem ancestralidade, avós, tios e mãe de santo, inúmeros irmãos e irmãs e tem toda uma memória recuperada”. Essa fala diz muito sobre acolhimento, compreensão de pertencimento e memória, que, na sabedoria de terreiro, tem efeitos de cura (SANTOS, 2019), pois aproxima a pessoa de sua comunidade, fortalecendo-a dentro de um fazer coletivo.

No terreiro, segundo Santos (2019), tem-se o objetivo de cuidar da energia espiritual que, embora a tradução varie a depender da casa, sempre vai significar “fonte de todas as coisas, é desenvolvido pela comunidade e jamais por um indivíduo sozinho” (AKIWOWO, 1986 *apud* SANTOS, 2019). Dessa forma, percebe-se que os saberes de terreiro compreendem a construção das subjetividades dentro

de uma prática comunitária, e é nessa comunidade que também estarão as intervenções para manejo do sofrimento desse sujeito. Nas palavras do professor Abrahao:

Em tudo que falei acima, do Candomblé e os fóruns de debate, tenho sido redundante na ênfase da importância da reconstrução ou construção do aspecto comunitário no processo de cura, de tratamento, de cuidar das pessoas, a partir dessa visada epistêmica que experimento chamar de enegrecimento (SANTOS, 2019, p. 166).

A prática comunitária de cura não é só importante, como é ancestral. Sobre isso, o antropólogo e professor congolês Kabengele Munanga, no 4º Fórum de Direitos Humanos e Saúde Mental sediado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2019, fala que na década de 60, a Unesco revelou em sua pesquisa que as medicinas tradicionais africanas tiveram maior eficácia no tratamento de doenças mentais, se comparadas à medicina ocidental. Isso se deu porque enquanto o Ocidente tratou de institucionalizar a loucura, as sociedades africanas integraram a pessoa com transtorno mental à sua família e à sua comunidade - que participava de alguns momentos terapêuticos junto ao paciente -, enquanto era realizado tratamento medicinal com plantas, raízes e ervas que tinham propriedade química de cura, dominadas pelo curandeiro - médico tradicional (MUNANGA, 2019). É importante pontuar que nessa mesma época se iniciava a luta Antimanicomial na Itália, reivindicando uma reforma psiquiátrica que desinstitucionalizasse o sujeito. Enquanto a Europa precisava avançar por condições dignas e eficazes no tratamento dos transtornos mentais, a África já oferecia tratamento humanitário e capacitado dentro da própria comunidade.

O próprio Código de Ética da (o) Psicóloga (o) já preconiza nos seus princípios fundamentais que o psicólogo deve voltar-se não somente para os indivíduos, mas também para as coletividades na promoção de saúde e qualidade de vida, contribuindo com a extinção de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. Além disso, a atuação do psicólogo deve ser sustentada num olhar crítico e contextualizado historicamente com a realidade política, econômica, social e cultural (CFP, 2005).

Com isso, concordando com as palavras de Abrahao de Oliveira Santos (2019, p. 167) “o conhecimento que trazemos da espiritualidade dos saberes tradicionais não é uma estrita novidade para o psicólogo”, já que a formação em psicologia é atravessada muitas vezes por essa relação dialógica entre o individual e

o coletivo. Ainda assim, a prática psicológica continua muito individualizante, atendendo às exigências neoliberais de ajustamento e funcionamento do sujeito.

Por fim, é importante reconhecer que existem, sim, diversas referências negras e brasileiras que já confrontaram a academia branca, colocando a subjetividade negra como tema central de seus trabalhos, como por exemplo, Neusa Santos, Virgínia Bicudo, Maria Aparecida Bento, Lélia Gonzalez e etc. No entanto, pensando em práticas coletivas de cuidado desenvolvidas fora da academia, demos destaque às epistemologias de terreiro, aliadas aos ensinamentos africanos, como possíveis caminhos para uma psicologia decolonial - e poderíamos pensar em muitas outras produções de conhecimento que são marginalizadas pelo saber hegemônico por não utilizarem o método cartesiano adotado pela ciência ocidental. Espera-se causar um despertar para as literaturas indígenas, conhecimentos populares, vivência das ruas e tantas outras epistemologias marginais que têm muito a ensinar à Psicologia. É importante perceber os sujeitos atendidos dentro de uma comunidade e que essa comunidade, historicamente, produz suas próprias intervenções de cuidado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Sobre “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem”: descrições breves

O documentário “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem” foi estreado na *Netflix* em dezembro de 2020, dirigido por Fred Ouro Preto e produzido por Evandro Fióti através da produtora Laboratório Fantasma, em parceria com a *Netflix*. Narrado e protagonizado pelo *rapper* Leandro Roque de Oliveira, o Emicida, a obra mostra os bastidores do álbum AmarELO lançado pelo cantor em 2019 no *Theatro* Municipal de São Paulo, revelando o processo criativo das músicas, o critério de escolha dos convidados, entrevistas e todo o sentido que sustenta a elaboração do álbum pautado na valorização da história negra.

Em entrevista para o jornalista Pedro Henrique Pinheiro do *site* Tenho Mais Discos Que Amigos, Emicida conta que o álbum que inspirou o documentário – o álbum AmarElo - surge num contexto social em que o ódio estava movimentando os grupos e que esse movimento se centralizava em torno da negação do que estava errado, da desconstrução. Então era preciso construir algo em cima do que estava sendo desconstruído. Essa construção passa pela superação do individualismo, e construção da conexão entre as coletividades através do **amor**. Dessa forma, o artista define o álbum como um “respiro”, um parêntese, diante de todas as mazelas que estão em volta, uma reconquista à calma que foi roubada do povo preto (PINHEIRO, 2019).

3.2 Análise do documentário

A seguir serão analisadas as formas como as práticas de aquilombamento aparecem no documentário “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem” como fortalecimento psicoafetivo da população negra. Para isso, foram divididas três partes, cada uma sendo iniciada por um trecho de música do Emicida: retorno ao passado e honra aos ancestrais; amar e se conectar; lutar e resistir.

3.2.1 Parte 1: Fogueira traz histórias a reviver as memórias - o retorno ao passado e honra aos ancestrais

Antes de iniciar as análises sobre as falas do Emicida, já se pontua aqui que que a própria estrutura do documentário não segue uma evolução linear: cenas do presente e do passado se entrecruzam o tempo inteiro. Assim, percebe-se que há um percurso espiralado, em que, para avançar, é necessário retornar. Esse retorno ao passado, que aqui se mostra de maneira simbólica, não é só importante para a população negra, como também é inescapável, já que a história dos povos afropindorâmicos, como destaca Nego Bispo (2015), se mostra visível materialmente dentro de tudo o que foi construído nas próprias cidades, e pode ser sentida imaterialmente ao olhar para o passado e presente, contemplando os modos de viver do povo preto e suas manifestações culturais.

Logo no início do documentário, Emicida diz que a sua missão, a cada vez que pegar uma caneta e um microfone, é devolver a alma de cada um dos seus irmãos e irmãs que sentiu que um dia não teve uma. (EMICIDA, 2020). A partir dessa fala, é possível pensar sobre o que Kabengele Munanga (2016) pontua a respeito dos impactos da formação eurocêntrica no Brasil para o sujeito negro. Ele diz que a forma depreciativa e preconceituosa que a África é apresentada faz com que a população negra pense que é oriunda de um continente sem história que nada contribuiu com a história da humanidade. Para contornar as consequências disso sobre a população negra, Munanga afirma que é necessário devolver a ela sua verdadeira história (MUNANGA, 2016) e, devido a isso, o retorno ao passado e honra aos ancestrais é colocado neste trabalho como um ponto importante para o fortalecimento psicoafetivo do povo preto.

Seguindo com a análise do documentário, logo no primeiro minuto, o Emicida diz que: “eu não sinto que eu vim, eu sinto que eu voltei. E que de alguma forma, meus sonhos e as minhas lutas começaram muito tempo antes da minha chegada” (EMICIDA, 2020, s.p.). Nessa fala, nota-se que não há uma racionalização nesse movimento de retorno o qual se refere. Ele fala de sentimento (“não **sinto** que eu vim, eu **sinto** que eu voltei”), e de uma sensação que não consegue ser explicada (“e que **de alguma forma**, meus sonhos e as minhas lutas começaram muito tempo antes da minha chegada).

Para compreender esse processo, vamos pensar sobre memória e história. No artigo “Ôrí e memória: o pensamento de Beatriz Nascimento”, Rodrigo Ferreira dos Reis⁹ (2020) analisa os conceitos de memória e história presentes na obra oral “Ôrí” de Beatriz Nascimento, apresentada no documentário de Rachel Gerber. O autor começa pontuando que, partindo do significado de Ôrí na língua yorubá - “cabeça”, no sentido de ligar o ser humano ao universo transcendental -, Beatriz dá a essa palavra a definição de ligar o ser humano à sua memória, ancestralidade (REIS, 2020). É uma memória que não passa pela racionalidade, pois dando continuidade às compreensões de memória elaboradas por Beatriz Nascimento, “Ôrí contempla as dimensões temporais de passado, presente e futuro e uma forma não linear, o que só é possível porque o Ôrí se origina de uma memória que não é nem espontânea e nem forçada, mas, sim, ritualizada” (ÔRÍ, 1989 *apud* REIS, 2020).

Assim, o Ôrí é uma forma de retornar para onde os seus antepassados e recuperar a identidade do negro em diáspora. Utilizando os conceitos de quilombo já discutidos neste trabalho, a retomada dessas memórias coletivas é um retorno metafórico ao território africano que agora está ancorado no próprio corpo do sujeito negro (NASCIMENTO, B., 1982 *apud* REIS, 2020).

Nesse sentido, Kabengele Munganga (2009) aponta que o fortalecimento da negritude, no sentido de voltar às origens, passa pela negação do europeu e a afirmação cultural, moral, física e psíquica do negro: “ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco” (MUNANGA, 2009, p. 22). Esse movimento de reivindicação do corpo negro se mostra em todo o documentário, principalmente quando Emicida apresenta os principais nomes que protagonizaram os movimentos artísticos no Brasil: Tebas, Aleijadinho, Mestre Valentim, André Rebouças, Antônio Rebouças, Teodoro Sampaio, Enedina Alves, etc.... No final, com a paixão que Kabengele descreveu, Emicida conclui: “projetando ou construindo, quem sempre lutou para que a beleza e a arte dessem vida ao concreto frio deste lugar [São Paulo] foi *nois* mesmo” (EMICIDA, 2020, s.p.).

Esse retorno ao passado narrado por Emicida é completado através da honra aos seus ancestrais, a quem veio antes. Nego Bispo (2015) pontua que uma forma de perceber e sentir, mesmo que imaterialmente, a trajetória dos povos

⁹ Rodrigo Ferreira dos Reis é brasileiro, historiador, pesquisa Políticas de Memória e Narrativas Históricas e é vinculado ao Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais da Universidade de Santa Catarina – UDESC.

afropindorâmicos está justamente no movimento de retornar ao passado e fazer referência aos nossos ancestrais. E isso Emicida fez: durante o documentário, o músico falou sobre o Desfile Avuá de sua marca que ocorreu no *São Paulo Fashion Week* em 2017 em que ele colocou na passarela do principal evento de moda do país a sua mãe – dona Jacira-, seu Wilson das Neves¹⁰ e Fabiana Cozza, nome exponencial no samba. Essa atitude, segundo o próprio cantor, foi uma forma de “entregar flores a quem você admira enquanto eles podem sentir o cheiro delas” (EMICIDA, 2020, s.p.).

A fala do *rapper* nos remete a importância de honrar os ancestrais ainda em vida. Partindo disso, além da homenagem na passarela do *São Paulo Fashion Week*, o documentário é cheio de outras aclamações àqueles que vieram antes. Como exemplo desse percurso, Emicida sauda O Movimento Negro Unificado e a Frente Negra Brasileira, reconhecendo que sem a luta deles não seria possível estar no *Theatro Municipal* de São Paulo no presente; homenageia Mário de Andrade e o coloca como “nosso modernista favorito”. Também cita intelectuais negros como Abdias do Nascimento – e sua grande contribuição com o Teatro Experimental do Negro que revelou Ruth de Souza¹¹ como uma grande estrela -; Luís Gama, advogado e poeta abolicionista; Lélia Gonzalez e suas contribuições para o movimento negro, etc. Além disso, mais uma vez honrando os mais velhos, Emicida comenta , na música “Ismália”, a sua intenção era juntar Ruth de Souza e Fernanda Montenegro para declamarem o poema que dá nome à musica – no entanto, em 2019, aos 98 anos, dona Ruth faleceu.

Esse movimento de reverenciar os mais velhos é uma prática ancestral, arraigada na memória do povo preto. Para ilustrar isso, vamos citar Sobonfu Somé, professora e escritora danense, que escreveu em seu livro “O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar” sobre as tradições da aldeia Dagara, na África, onde foi criada. Ela pontua que a dinâmica de sua aldeia é estabelecida a partir da sabedoria de homens e mulheres anciãos através de um comitê, um conselho formado por cinco mulheres e cinco homens. No entanto, a ideia de poder, constituída nessa perspectiva, não funciona dentro de um

¹⁰ Seu Wilson das Neves, homem negro, foi um importante nome na música brasileira - sendo baterista, cantor e compositor – e na vida do Emicida, sendo seu grande amigo.

¹¹ Ruth de Souza foi a primeira dama negra do teatro e cinema, além de primeira protagonista negra da Televisão Brasileira. Foi a primeira atriz brasileira a ser indicada ao Leão de Ouro, no festival de Veneza (e percebam que aqui não foi necessário colocar a marca “negra”). Nas palavras de Emicida, “se isso não for vanguardismo, eu não sei o que é” (EMICIDA, 2020, s.p.).

sistema opressor, como no Ocidente, pelo contrário, é colocada como trabalho, servidão à comunidade:

A pessoa trabalha para toda a comunidade, mas não é como um político que decide tudo. Qualquer um pode chegar, a qualquer hora, e pedir sua ajuda. O ancião pode estar dormindo e alguém bater à sua porta e, então, terá de ir trabalhar. Não tem escolha (SOMÉ, 2003, p. 22).

Nesse relato, percebe-se, então, que não é o gênero que estrutura essa sociedade, mas a senioridade¹². Essa prática, como já dito, está marcada na nossa história, seja na atitude de pedir a bênção aos mais velhos antes de sair de casa, seja em grandes homenagens produzidas nacionalmente, como no documentário “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem”.

Chegando ao final do documentário, Emicida sintetiza o sentido dessa produção: “por isso que eu amo esse ditado: ‘exu matou um pássaro ontem com a pedra que só jogou hoje’. Todas as nossas chances de **consertar os desencontros do passado** moram no agora. Por isso, camaradas, é que **é tudo pra ontem**” (EMICIDA, 2020, s.p., grifo nosso). Com essa frase, Emicida elabora sobre a importância de passado e presente se relacionarem e, sobre isso, Abrahão de Oliveira Santos, em seu artigo “O enegrecimento da Psicologia: indicações para a formação profissional” (2019), fala que esse retorno ancestral é um ponto de partida fundamental para a construção da subjetividade negra, pois, para o autor, ancestralidade diz respeito à memória e ao sentido do pertencimento cósmico e comunitário, num movimento de erguer-se do processo de colonização.

Nesse sentido, Wanderson Flor do Nascimento (2016), importante pesquisador brasileiro sobre as filosofias africanas com aporte contra colonial, apresenta um conceito chave para uma ontologia filosófica africana: *ubuntu* é uma abordagem dentro da filosofia de África que compreende que nenhuma existência pode ser pensada de forma individual, isolada das outras, pois todos os pontos se relacionam com os demais dentro de uma cadeia do existir. Nas palavras do autor, “a movimentação complexa e articulada da existência, quando expressa na humanidade, em seu coletivo e em sua definição, é o que o termo *ubuntu* denota” (NASCIMENTO, W., 2016, p. 236)

Partindo desse sentido que uma existência depende da outra existência humana, essa palavra é comumente utilizada como força política entre as pessoas

¹² No subtópico “Caminhos para uma psicologia decolonial” foi falado sobre senioridade, utilizando Oyèrónké Oyèwùmí como referência.

negras, traduzida como “eu sou porque nós somos” e, dessa forma, se torna imprescindível honrar quem veio antes, respeitar quem está no agora e preparar o caminho para quem virá adiante. Pensando nisso, esta parte do trabalho será finalizada com a fala de Marielle Franco¹³, que é a mesma fala que finaliza o documentário analisado: “[...] então o que dona Ruth começa lá atrás é o que tá florescendo hoje” (EMICIDA, 2020, s.p.).

3.2.2 Parte 2: Cale o cansaço, refaça o laço – é sobre amar e se conectar

Essa parte da análise será iniciada com o comentário que Emicida faz sobre a os significados de Principia, primeira música do álbum AmarElo:

[...] E esse cara tá sonhando com esse tempo onde ele sentia afeto, compreensão, e aí ele **começa a se conectar com as planta**, a arruda tá mencionada, religião, tipo assim, ele tá pegando coisas pra acreditar no momento em que o mundo está dizendo pra ele: ‘não acredite’. **A gente precisa lutar porque a única coisa que a gente tem é uns aos outros** (EMICIDA, 2020, s.p. grifo nosso).

Nessa fala, destaca-se dois pontos: a conexão com as plantas e a conexão com as outras pessoas. Abrahao de Oliveira Santos (2019) comenta que quando seu pai de santo, tata Luazemi Roberto Braga, explicou sobre energia espiritual - em vez de falar sobre algo transcendente, como Abrahao esperava -, disse que essa energia, para o povo de terreiro, está em tudo em volta: “encontra-se na seiva e no cheiro das folhas, na natureza, na água que vem da terra” (SANTOS, 2019, p. 163).

A escolha por iniciar essa análise pela conexão com as plantas não foi feita de forma aleatória. Essa conexão parte de uma espiritualidade, como o próprio Emicida mencionou – “aí ele começa a se conectar com as plantas, a arruda tá mencionada, religião” -, e essa cosmovisão é um fator determinante para a construção das diferentes formas de viver na sociedade, conforme Nego Bispo (2015). Para exemplificar essa dinâmica, Bispo analisa a relação entre as bases religiosas e as matrizes culturais dos colonizadores e as bases religiosas e matrizes culturais dos contra colonizadores: como os eurocristãos praticam uma religião monoteísta, cujo deus é masculino, “inatingível, desterritorializado, acima de tudo e de todos”, se organizam de maneira linear, vertical, com figuras (únicas e masculinas) de ordem; já os contra colonizadores, povos pagãos e politeístas,

¹³ Marielle Franco foi uma socióloga e política brasileira negra, fundamental pela luta dos direitos humanos nas favelas do Rio de Janeiro. A ativista foi executada com 13 tiros no dia 14 de março de 2018 e até hoje se faz a mesma pergunta: quem mandou matar Marielle?

por terem deuses e deusas territorializados (as), “pluripotentes, pluricientes e pluripresentes, materializados (as) através dos elementos da natureza que formam o universo”, tendem a se relacionar de maneira circular e/ou horizontal uns com os outros e com a própria natureza - mantendo uma relação harmônica, em vez de exploratória -, pois conseguem ver seus deuses e suas deusas em diversas direções (BISPO, 2015, p. 38 – 39). Esse pensamento faz muito sentido quando o Pastor Henrique Vieira fala, no final da música Principia do álbum AmarElo, que “amor é espiritualidade”, pois a relação com o divino se relaciona intimamente com a relação com o ambiente.

Toda essa explicação é para evidenciar que estar em comunidade é ancestral e não se resume ao contato com outros seres humanos, mas se refere também à relação respeitosa com tudo o que está no mundo. Mas agora vamos focar nessa comunhão entre as pessoas. Ainda sobre o trecho da fala do Emicida, quando ele diz que “a gente precisa lutar porque a única coisa que a gente tem é uns aos outros”, imediatamente, lembra-se do que bell hooks, feminista negra e ativista antirracista estadunidense, disse em seu livro “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”: a sobrevivência humana está aliada à capacidade de se organizar em comunidade, não a formar famílias nucleares, casais e, muito menos, à dura vida individualista (HOOKS, 2021).

Depois desse trecho, bell hooks explica que a comunidade é muito mais do que uma união de pessoas, diz respeito a uma comunicação honesta, sem máscaras, sustentada numa relação profunda que engloba as lamentações e as alegrias uns com os outros, sempre transformando as condições do outro em suas próprias condições (HOOKS, 2021). Ou seja, comunidade, acima de tudo, requer amor e conexão.

Sobonfu Somé também pensa sobre comunidade, de acordo com a filosofia africana de seu povo Dagara. A autora fala que:

O objetivo da comunidade é assegurar que cada membro seja ouvido e consiga contribuir com os dons que trouxe ao mundo, da forma apropriada. [...] A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros (SOMÉ, 2003, p. 35).

Apesar do conceito de Sobonfu Somé estar alinhado a ideias mais transcendentais, é possível visualizar que o princípio norteador de comunidade tem semelhanças com o que bell hooks propõe: trata-se de um espaço de

compartilhamento em que todos somam na vida um do outro, “afinal, é no encontro que nossa existência faz sentido”, como o Emicida diz no documentário (EMICIDA, 2020). Nesse sentido, tanto no feminismo negro, citado por bell hooks, quanto na epistemologia contra colonial de Sobonfu Somé, podemos concluir que estar em comunidade é ancestral.

Adiante, Emicida fala que “a partir do momento quando os africanos começam a ser sequestrados e abandonados numa terra que eles desconhecem, eles precisam criar um outro modelo de organização e de **coletividade**” (EMICIDA, 2020, s. p.). Afirma-se, aqui, que só foi possível recriar essa outra forma de organização comunitária – tão diferente do modelo de sociedade que eles foram brutalmente inseridos (colônias europeias) - porque essa prática já estava arraigada na memória ancestral africana. Nas palavras de Sobonfu Somé:

A família, na África, é sempre ampla. A pessoa nunca se refere ao seu primo como ‘primo’, porque isso seria um insulto. Então, ela chama seus primos de irmãos e irmãs. Seus sobrinhos, de filhos. Seus tios, de pais, e a mulher de seu irmão é sua mulher. [...] Na aldeia, as grandes famílias vivem juntas (SOMÉ, 2003, p. 23 – 24).

Diante disso, as práticas de se aquilombar – de acordo com os conceitos já apresentados neste trabalho – já eram comuns em África e cruzou o Atlântico, fornecendo bases para a construção de uma resistência atravessada pelos afetos e conexão coletiva. E foi com essa sabedoria que seu Wilson das Neves disse que “um cigarro você quebra, agora um maço já é mais difícil”, como Emicida destacou no documentário, sendo “a forma que ele encontrou de dizer **‘fiquem juntos, assim vocês continuam fortes’**” (EMICIDA, 2020, s.p).

Emicida continua o documentário, explicando sobre os significados do álbum AmarElo, falando que “a energia do disco inteiro é muito essa energia de fazer todo mundo se sentir um de novo, sabe? Se juntar através do que a gente tem de igual” (EMICIDA, 2020, s.p). Essa fala abre a cena dele cantando a música que dá nome ao álbum, junto a Majur – cantora e mulher preta transexual, como se autodenomina - e Pablio Vittar – cantora e *drag queen*. Emicida, Majur e Pablio Vittar, todos de origem periférica, nos fazem pensar sobre as diferentes camadas de opressão a que estão submetidos, numa sociedade patriarcal, racista e capitalista. E, por isso, a importância de produzir vida juntos, pois, parafraseando as palavras de Santos (2019), a cura, no sentido ancestral, é produção de coletivo. Além disso, cabe lembrar que há um consenso entre os pesquisadores que diz que os quilombos não

eram formados apenas por pessoas negras, mas também por indígenas, alguns brancos pobres e outros aliados que também estavam submetidos a um sistema de opressão.

Explicando algumas estratégias para resistir e confrontar o sistema escravagista, Emicida pontua, ainda, que “os pretos se organizam, conseguem um pouquinho mais de dinheiro, compram alforria do outro, e assim esses cara foram de uma forma **homeopática** construindo uma comunidade de cuidado coletivo” (EMICIDA, 2020, s.p. grifo nosso). O ponto de partida aqui é pensar sobre essa forma homeopática a que o Emicida se refere: na medicina, os remédios homeopáticos são aqueles que não combatem diretamente a doença, mas fortalecem o organismo para que ele, de maneira integrada, possa combatê-la. Entendendo isso, já se compreende a perspicácia africana.

Essa prática de fortalecimento comunitário também é ancestral e permanece viva, se estendendo até hoje nas vivências de terreiro, por exemplo. Santos (2019, p.167) diz que na Umbanda entende-se que “a intervenção de cuidado deve visar não o indivíduo isolado, mas a rede”, e essa rede, tanto para a Umbanda, quanto para o Candomblé e para os saberes indígenas, não inclui apenas as relações humanas, mas a relação com a natureza e com aqueles que já foram para o outro plano, os ancestrais. Assim, para o povo de santo, “a unidade básica da vida não se restringe ao indivíduo biológico ou psicológico, mas às redes relacionais que conformam o indivíduo” (SANTOS, 2019, p.163), ou seja, as nossas potências são fortalecidas na medida que as potências da nossa comunidade se fortalecem.

Por fim, cito uma das últimas falas do Emicida no documentário:

Assim como o prisma decompõe a luz branca em muitas outras cores, eu gostaria de decompor o preconceito em muitas outras possibilidades unidas no AmarElo. É nossa forma de dizer a cada um dos irmãos e irmãs que estão na rua que eles não podem desistir. É usar a força do **amar**, que é uma coisa que todos os seres humanos são capazes de fazer, pra construir esse **elo**. É como se abrisse um portal e todos aqueles brabos que vieram antes de mim, dissessem assim: ‘Zica, vai lá’. **A vida só faz sentido quando a gente se relaciona, quando a gente se encontra**” (EMICIDA, 2020, s.p. grifo nosso).

Nessa fala, Emicida nos diz que o elo, a comunidade, só pode ser construída se for sustentada pelo amor. E que essa comunidade não começa, nem termina com nós mesmos, mas com todos aqueles que já vieram e com os que ainda estão por

vir. Por isso, finaliza-se esta sessão com o que Silvane Silva¹⁴ escreve no prefácio à edição brasileira de “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”: o amor não é apenas um sentimento, mas uma ética de vida, uma potência que só encontra sentido na ação, na realização cotidiana. Nesse sentido, se aquilombar é também amar e se conectar.

3.3.3 Parte 3: Com a garra, razão e frieza, mano – é sobre lutar e resistir

A última análise deste trabalho é sobre lutar e resistir. Isso, porque não podemos perder de vista que, apesar de toda a nossa potência, ainda estamos inseridos numa sociedade que continua a executar o projeto de mortificar nossos corpos. Então a organização política, coletiva, de luta e resistência também é uma forma de se aquilombar.

Durante o documentário, em cima do palco do *Theatro* Municipal de São Paulo, o Emicida disse as seguintes palavras:

Para que hoje a gente esteja neste lugar que foi negado aos nossos ancestrais, muitas pessoas suaram e sangraram no caminho. Algumas pessoas, **no auge da ditadura militar**, tiveram a coragem de se levantar contra o Estado brasileiro e seu racismo assassino, e dizer que aquele país precisava reconhecer o protagonismo das pessoas de pele escura na sociedade brasileira. Hoje, a gente tem algumas pessoas aqui que estavam na escadaria do Theatro Municipal em 1978, lutando contra o racismo. Pra mim, é mágico tá aqui, porque vocês estão aqui. Porque é realmente uma conquista histórica a gente ocupar este lugar e gostaria de pedir que se levantassem neste momento nossos **irmãos e irmãs do MNU**. [...] Muito obrigado. Sem os sonhos de vocês, sem as lutas de vocês, nada disso seria possível (EMICIDA, 2020, s. p.).

Esse trecho poderia ser colocado na sessão 3.3.2, sobre o retorno ao passado e honra aos ancestrais, pois foi isso que o Emicida fez ao reconhecer que a sua caminhada só foi possível porque outros prepararam um caminho lá atrás. No entanto, foi decidido analisar esse trecho, aqui, pois falar de Movimento Negro Unificado é falar, principalmente, sobre uma articulação coletiva de luta e resistência.

Lélia Gonzalez (1982), importante intelectual negra brasileira e uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado, descreve que diante da evidente discriminação racial que a população negra sofria (e ainda sofre) no país, tornou-se

¹⁴ Silvane Silva é mulher negra, historiadora, doutora em história social com a tese "O protagonismo das mulheres quilombolas na luta por direitos em comunidades do Estado de São Paulo (1988-2018)".

urgente a criação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial – o MNU. No dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do *Theatro* Municipal de São Paulo, o MNU estreia em seu primeiro ato público como protesto aos acontecimentos violentos contra os corpos negros que ocorreram naquele ano:

No dia 28 de abril, numa delegacia de Guaianazes, mais um negro foi morto por causa das torturas policiais. Este negro era Robson Silveira da Luz, trabalhador, casado e pai de filhos. No Clube de Regatas Tietê, quatro garotos foram barrados do time infantil de vôleibol pelo fato de serem negros. O diretor do Clube deu entrevistas nas quais afirma as suas atitudes racistas, tal a confiança de que não será punido por seu ato (GONZALEZ, 1982, p. 43 - 44).

Antes de comentar a fala de Lélia, é importante lembrar que o ano da fundação do MNU coincide com o período da Ditadura Militar no Brasil, em que os corpos negros foram ainda mais violentados: seja porque o grande “milagre econômico” não chegou até a população negra e periférica; seja porque a violência militar institucionalizada pelo Estado legitimava as perseguições e matanças de todos os corpos que ousassem resistir (GONZALEZ, 1982).

Caminhando com a análise, percebe-se que na fala de Lélia se encontram dois pontos principais. O primeiro, é sobre a descrição de como a violência contra os corpos negros estava normalizada de tal forma, que os violentadores se sentiam à vontade para praticar e assumir seus atos, sem pudor algum – e esse relato de Lélia nos lembra que podemos voltar a esse momento da história, se não nos posicionarmos diante dos acontecimentos atuais. O segundo ponto, é sobre a reação de revolta da autora ao reconhecer o descaso do Estado diante das atrocidades do racismo. E foi essa inconformidade que impulsionou Lélia e seus companheiros de luta a se articularem para que, em conjunto, tivessem condições de resistir e confrontar o sistema racista.

Nesse mesmo sentido, pode-se afirmar que o Emicida utiliza a música como luta e resistência. “Ismália”, presente no álbum e no documentário, denuncia bravamente dois crimes¹⁵ de repercussão nacional em que, mais uma vez, era a polícia atirando em corpos negros inocentes e desarmados. Aqui, será analisado um deles, presente no seguinte trecho: “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo. Quem disparou usava farda; quem te acusou nem lá num tava. Porque um

¹⁵ O outro crime denunciado em “Ismália” refere-se à Chacina de Costa Barros que ocorreu dia 28 de novembro de 2015, em que cinco jovens foram assassinados pela Polícia Militar quando voltavam para casa, após terem saído para comemorar o primeiro salário de um dos amigos. Novamente, corpos negros foram assassinados “por engano” e, dessa vez, com 111 tiros.

corpo preto morto é tipo os hit das parada: todo mundo vê, mas essa porra não diz nada” (EMICIDA, 2019). O trecho se refere ao assassinato do músico Evaldo Santos Rosa e do catador de recicláveis Luciano Macedo, cometido por oficiais do exército na Zona Norte do Rio de Janeiro.

No dia 7 de abril de 2019, Evaldo estava indo a um chá de bebê no seu carro, acompanhado do seu sogro, sua esposa, seu filho e uma afilhada do casal, quando foi alvejado com mais de 80 tiros. Luciano, ao tentar prestar socorro às vítimas, também foi brutalmente assassinado. Esse foi mais um caso em que os militares mataram um corpo preto por “engano” e, por isso, se torna ainda mais necessário nomear os responsáveis. Os assassinos foram: o tenente Ítalo da Silva Nunes (chefe da operação); o sargento Fábio Henrique Souza Braz; o cabo Leonardo Oliveira; o soldado Gabriel Christian Honorato; o soldado Matheus Sant’Ana; o soldado Marlon Conceição; o soldado João Lucas Costa Gonçalo; e o soldado Gabriel da Silva de Barros¹⁶. (80 TIROS, 2021)

Ainda nesse mesmo trecho de Ismália, quando Emicida diz que um corpo preto morto não diz nada, ele também denuncia a omissão do Estado. O *site* de notícias “Brasil de Fato” destacou que o principal representante do Estado, o então presidente da República Jair Messias Bolsonaro, ao se pronunciar sobre o crime (5 dias depois do ocorrido), disse que o Exército não matou ninguém e ainda completou: “O Exército é do povo, e não pode acusar o povo de ser assassino, não. Houve um incidente, uma morte”. Do mesmo lado, o então ministro da Justiça, Sérgio Moro, apenas comentou que “lamentavelmente esses fatos podem acontecer” (MORRE, 2019).

Enquanto se digere essas falas que denotam completa indiferença ao caso, vamos pensar sobre a origem desse “Exército do povo”. Utilizando as palavras **exatas** do *site* oficial do Exército Brasileiro, as bases do Exército Nacional surgiram “a partir do século XVII, quando brancos, índios e negros, em Guararapes, expulsaram o invasor estrangeiro” (AS ORIGENS, [201-]). Apenas nessa frase já é possível perceber que o “povo” a quem Jair Bolsonaro se refere é o colonizador. Basta uma rápida pesquisa no *google* para saber que a batalha dos Guararapes que o Exército cita foi um confronto bélico que ocorreu em Pernambuco (colônia de

¹⁶ 12 militares participaram da operação, mas apenas os 8 listados foram condenados. Os outros 4 foram absolvidos, pois, segundo as investigações, não realizaram nenhum disparo. São eles: Vitor Borges Barros; William Patrick Nascimento, motorista da viatura; Paulo Henrique Araújo, responsável pela segurança da retaguarda; e Leonardo Delfino Costa, rádio operador.

Portugal, na época) para expulsar os holandeses da região. Então quando o Exército diz que “expulsaram o **invasor estrangeiro**”, ele fala do lugar do colono. Pois para os indígenas, os holandeses seriam tão invasores quanto os portugueses. Além do mais, falar que brancos, “índios” e negros lutaram juntos nessa batalha - a fim de gerar a falsa ideia de que o Exército surgiu de uma união “nacional” – camufla que, no século XVII, o povo afropindorâmico estava submetido a um sistema escravagista que os privava de qualquer dignidade humana.

Diante de tudo o que já foi mencionado, é evidente que a colonização continua com seu projeto de morte aos corpos negros (e indígenas), aliada às instituições do Estado e ao próprio Estado. Nesse cenário, o *rap* se mostra como uma grande ferramenta de denúncia, e, para além disso, também é uma arma potente para emancipar os jovens, conforme Emicida pontua no documentário. Em suas palavras, “vencer é muito mais do que ter dinheiro. Logo, esses jovens querem muito mais do que ser famosos, querem reescrever a história desse país” (EMICIDA, 2020, s.p.).

Requerer a escrita da história de um país que sempre foi narrada do ponto de vista do colono é um ato político de resistência. Nesse sentido, Nilma Lino Gomes – ex ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e do Ministério das Mulheres, Igualdade Racial, Juventude e Direitos Humanos do governo da presidenta legitimamente eleita Dilma Rousseff (2015-2016) – nos mostra que a reivindicação pela escrita da própria história foi o fator primordial para a formação da intelectualidade negra:

A produção do conhecimento do Movimento Negro, da negra e do negro sobre si mesmos e a realidade que os cercam não têm origem nos bancos acadêmicos nem nos meios políticos. Isso surgiu na periferia, na experiência da pobreza, na ação cotidiana, nas vivências sociais, na elaboração e reelaboração intelectual de sujeitos negras e negros, muitos dos quais nem sequer foram (e alguns ainda não são) reconhecidos como pesquisadores, intelectuais e produtores de conhecimento (GOMES, 2018, p. 218).

Como já foi dito diversas vezes neste trabalho, para descolonizar o conhecimento, é fundamental legitimar as epistemologias de fora da universidade. Dessa forma, entende-se, aqui, que os *raps* sistematizam a produção de saber das ruas, do cotidiano das periferias e se tornam um veículo para as experiências da população negra ganharem notoriedade e dimensão política.

Como disse Emicida, “eu não sou o alvo do racista, eu sou o pesadelo dele” (EMICIDA, 2020). Portanto, considerando que ainda estamos inseridos numa estrutura racista legitimada e operacionalizada pelo Estado, é necessário garra, razão e frieza para os pretos e pretas se organizarem e, juntos, explorarem suas potências, se fortalecerem e, por fim, lutar e resistir. Não percamos de vista que foi a coletividade que permitiu a sobrevivência dos nossos ancestrais e garantiram nossa existência hoje. Lutar e resistir em conjunto é uma prática ancestral e é uma forma de se aquilombar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto até aqui, o processo de colonização no Brasil não acabou com a proclamação da República dia 15 de novembro de 1889, pelo contrário, assumiu moldes ainda mais eficazes de domínio dos corpos e dos sentidos de subjetividade negra. No entanto, assim como a colonização não foi aceita de forma pacífica nos quase 400 anos de escravidão, hoje, com a sua atualização, os povos continuam contra colonizadores.

Na contemporaneidade, a contra colonização se mostra na organização de quilombos, que, agora, ultrapassam o sentido de território geográfico. O aquilombamento assume novas formas de ser e estar no mundo, cujo sentido se sustenta na retomada de memória ancestral e valorização da cultura e da história negra, como fortalecimento comunitário e individual para combater o colonialismo que agora se apresenta, sobretudo, de forma cultural e ideológica.

Uma forma de manifestação da colonialidade nos dias atuais, é a partir da colonização das academias. Dentro dessas instituições, a produção de saber euro/estadunidense é tida como universal, capaz de explicar toda a humanidade, enquanto todo o saber que é produzido fora dos limites ocidentais e acadêmicos são desconsiderados. Nesse sentido, sociedades com organizações totalmente diferentes da organização hegemônica, são compreendidas a partir de uma epistemologia colonial, mesmo que elas tenham uma produção de saber própria.

Dessa forma, para se pensar numa psicologia decolonial, pensa-se, primeiro, na descolonização da academia. Para isso, é necessário assumir que nossas epistemologias são brancas e falam de um lugar branco e eurocêntrico, portanto, não são neutras, tampouco, universais. Compreendendo isso, torna-se

imprescindível abrir os espaços universitários para as epistemologias contra coloniais, através de mestres do saber tradicional, por exemplo, como os líderes quilombolas, povos de terreiro, indígenas, além de intelectuais de fora do Atlântico e toda a comunidade que produz um conhecimento que é marginalizado pela instituição colonizadora de ensino.

Para a psicologia, foi sugerido que o caminho para a sua decolonialidade passasse pelas literaturas de terreiro e as noções de comunidade elaborados pelas filosofias africanas. A compreensão de sujeito, para esses saberes, está alinhada a uma conexão com o mundo de forma harmônica com os seus pares e com a natureza. Assim, aprendendo com esses povos, pensar em saúde mental deixa de ser uma questão individualizante que busca ajustar o sujeito para um “funcionamento social”, e se atravessa, primordialmente, pelo fortalecimento comunitário, entendendo que os processos de saúde e doença, sofrimento e bem-estar, são produzidos junto à comunidade, e não descolada dela.

A África é um continente com tradição, com memória, e uma das características dessa tradição é a capacidade de se organizar coletivamente. Por isso que, apesar de todo um plano político para apagar sua memória, a tradição persiste, passando através da oralidade dos mais velhos e pelos comportamentos cotidianos. Nós não teríamos resistido fisicamente e culturalmente durante anos de política de morte sobre os nossos corpos, se não fosse nossa capacidade de nos articularmos politicamente, coletivamente. Assim, enquanto a Europa se sustenta em ideologias individualistas, a África já se pensa em coletivo, o que leva o povo afrodiaspórico, ao chegar aqui - numa terra desconhecida, com língua desconhecida e sofrendo todo tipo de violência – precisar “apenas” adaptar algo que já sabiam fazer muito bem: organização comunitária e fortalecimento do corpo coletivo.

Para fortalecer o povo preto psicoafetivamente, no documentário “Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem”, Emicida faz um retorno a toda a história afrobrasileira, mostrando todas as contribuições da negritude para a humanidade. Considerando o contexto colonial que vivemos, cujo objetivo é nos transformar em sujeitos sem história, saber de onde viemos e quem foram nossos ancestrais é um passo fundamental para a construção da nossa identidade – tanto coletiva quanto individual. Aliado a isso, é extremamente significativo honrar quem veio antes, saudar nossa ancestralidade e reconhecer que foram eles que prepararam nossos

caminhos, assim como somos nós que estamos preparando o caminho de quem está por vir. Afinal, estamos todos conectados em nossa história.

A conexão comunitária é um princípio ancestral, também bastante valorizado no documentário. Emicida traz a importância de se conectar com os seus semelhantes, e também com a natureza de forma harmiosa e respeitosa. É dessa forma, que o sujeito negro consegue resistir a um mundo racista, estruturado para mortificar o seu corpo: através do fortalecimento coletivo. Em um espaço que possibilite a exploração de suas potências, assim como receber as contribuições da potência do outro, a população negra trilha caminhos em direção à recuperação da própria autoestima, se reconhecendo enquanto sujeito.

Por último, destaca-se que o fortalecimento psicoafetivo da população negra também passa pela organização política e articulada para lutar e resistir diante da estrutura racista que insiste em violentar seus corpos e sua subjetividade. Assim como os quilombos surgem como valorização da cultura negra, sem perder de vista o caráter revolucionário de combate à violência colonial, os aquilombamentos, na contemporaneidade, também não podem perder de vista a luta que ainda precisam travar. Assim, na história foi criado o Movimento Negro Unificado para combater a discriminação racial e um de seus frutos foram colhidos no dia 27 de novembro de 2019, quando Emicida subiu ao palco do *Theatro* Municipal de São Paulo, reunindo uma enorme população negra periférica que, em sua maioria, nunca tinha colocado os pés num lugar tão grandioso como aquele.

O *rap* não possibilita apenas que jovens negros de periferia mudem de classe social, mas permite que eles deem visibilidade à história que eles mesmos contam, às suas experiências, ao cotidiano das periferias. Com isso, o conhecimento produzido nas ruas deve ser legitimado enquanto epistemologia, pois ele forma pessoas o tempo inteiro, inclusive, os grandes intelectuais da academia. Nesse sentido, entrevista ao *podcast* Mano a Mano, mediado pelo *rapper* Mano Brown, Sueli Carneiro – grande intelectual negra da contemporaneidade – é bastante enfática ao dizer que quem formou sua visão de mundo foram as ruas, os movimentos, o cotidiano das lutas, não a academia (CARNEIRO, 2022).

Portanto, conclui-se que pensar sobre o fortalecimento psicoafetivo da população negra exige que se ultrapasse a lógica clínica individualizante, pois requer olhar cada uma dessas pessoas enquanto um sujeito que carrega em sua memória ancestral o sentido comunitário da vida. Por outro lado, cabe pontuar que o

desenvolvimento de uma visão holística do ser humano não será feito a partir das tradicionais epistemologias que se tem nas academias, pois o conhecimento eurocêntrico parte de uma realidade ocidental, cujo princípio norteador é justamente o individualismo. Assim, torna-se urgente que psicólogos e psicólogas se coloquem num lugar de escuta, aprendendo com povos afrodiaspóricos sobre novas formas e sentidos de cuidado.

REFERÊNCIAS

80 TIROS: justiça condena 8 militares pela morte de Evaldo e catador. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/80-tiros-justica-condena-militares-morte-musico-catador/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

AS ORIGENS do Exército Brasileiro. [201-]. Disponível em: http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=40639&_101_type=content&_101_groupId=11311&_101_urlTitle=as-origens-do-exercito-brasileiro&inheritRedirect=true. Acesso em: 16 jun. 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramon. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Introdução. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 09-31.

BISPO, Antônio. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: UNB, 2015.

CARNEIRO, S. **Sueli Carneiro: entrevista**. [maio 2022]. Entrevistador: Mano Brown. São Paulo: Spotify, 2022. Entrevista concedida ao podcast Mano a Mano. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2mQVJlSkJ2g&ab_channel=MANOAMANOPODCAST. Acesso em: 17 jun. 2022.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramon (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 78 – 106.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

COLLINS, Patrícia Hill. Epistemologia feminista negra (2000). In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramon. (Orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 133 – 165.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA - CFP (Brasil). **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: XIII Plenário do Conselho de Psicologia, 2005.

_____. **Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os**. Brasília: CFP, 2017.

EMICIDA: AmarElo – É Tudo Pra Ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. Elenco: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma/Netflix, 2020. 1 DVD (89 min). Disponível na plataforma da Netflix.

EMICIDA. **Ismália**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4pBp8hRmynl&ab_channel=Emicida. Acesso em 17 jun. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** (1952). Salvador: Edufba, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramon. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 217 - 242.

GONZALEZ, Lélia. O Movimento Negro na Última Década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Prefácio de Silvane Silva. São Paulo: Elefante, 2021.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramon.(Orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 28-56.

MORRE Luciano Macedo, catador atingido pelos 80 tiros do Exército ao ajudar família. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/18/morre-luciano-macedo-catador-atingido-pelos-80-tiros-do-exercito-ao-ajudar-familia>. Acesso em: 17 jun. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNANGA, **Kabengele**. [nov. 2016]. Niterói: Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira - Vinculado Ao Ipsi – Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Palestra proferida por ocasião do I Encontro de Subjetividade e Cultura Afrobrasileira – ancestralidade, cultura e práticas de cuidar nos terreiros. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0AkaS3Y5LG0&t=1330s>. Acesso em: 18 mar. 2020

MUNANGA, **Kabengele**. [jun. 2019]. Salvador: Conselho Federal de Psicologia, 2019. Debate proferido por ocasião do 4º Fórum de direitos humanos e saúde mental. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgWPbZ9elt0&feature=youtu.be>. Acesso em: 18 mar. 2020.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra (1985). In: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

NASCIMENTO, W. F., Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia ubuntu. **Prometeus Filosofia**, v. 9, nº 21, edição especial, p. 231 – 245, dez. 2016. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/wanderson_flor_do_nascimento_-_aproxima%C3%A7%C3%B5es_brasileiras_%C3%A0s_filosofias_africanas._caminhos_desde_uma_ontologia_ubuntu.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

OYEWÙMI, Oyèrónké. Conceitualizando gênero: a fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas (2002). In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 166 – 177.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: VI Congresso Sopcom. 2009, Lisboa. **Anais eletrônicos...** Lisboa: SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

PINHEIRO, Pedro Henrique. “**A serenidade é revolucionária**”: conversamos com Emicida sobre seu novo disco “AmarElo”, nov. 2019. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2019/11/08/emicida-entrevista-amarelo-tmdqa/>. Acesso em: 26 maio. 2022.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, R.F. dos. Iá. Ôrí e memória: o pensamento de Beatriz Nascimento. **Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, v.13, n. 23, p. 09 - 24, abr. 2020.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 343-364.

SANTOS, Abrahao de Oliveira. O Enegrecimento da Psicologia: Indicações para a Formação Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2019, v. 39, n. SPE, p. 159-171, 15 ago 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Phjf88DnyttFSHMNxcMWLJ/?lang=pt>.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2003.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Quem negro foi e quem negro é? Anotações para uma sociologia política transnacional negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze;

MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramon. (Orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 266 - 27

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244-248, 2019.